


LAERCIO ELIAS PEREIRA

F13
796:316
P436m
TES
ex 1

MULHER E ESPORTE. UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA
DOS AGENTES DE SOCIALIZAÇÃO EM
ATLETAS UNIVERSITÁRIAS

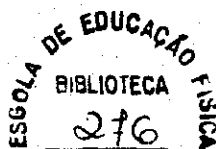

Universidade Federal de Uberlândia
Diretoria do Sistema de Bibliotecas
Registro Cancelado - Ano: 2004

DIRBVUFU 796:316 P436m /TES
FIS - 00841/96



11000
Dissertação apresentada à
Escola de Educação Física
da Universidade de São
Paulo, como quesito para
a obtenção do título de
Mestre.

CPD/DIRBVUFU
CENTRO DE BIBLIOTECA EDUCAÇÃO FÍSICA



ORIENTADOR: DR. ANTONIO BOAVENTURA DA SILVA

1984

para

JORILDA SABINO

criança, negra, mulher e atleta

uma síntese de discriminação social

AGRADECIMENTOS

Participando da fascinação de um trabalho pioneiro encontramos, na busca dos caminhos, muitos amigos que compartilharam conosco determinados trechos ou percurso inteiro. Seria impossível nomear todos. Entretanto, passo a registrar os mais próximos:

Em primeiro lugar meu orientador, Antonio Boaventura da Silva, que deu ao Curso de Mestrado uma dimensão maior do que uma simples etapa de formação acadêmica.

À Nádia, minha companheira de vida, que, sugerindo, questionando ou participando das árduas atividades de coleta de informações ou redação final, esteve sempre presente.

Lino Castellani Filho ajudou em todo processo.

Ana Maria Pellegrini encontrou tempo enquanto cursava seu PhD em Illinois para me apresentar a Professora Susan Greendorfer e, também mandar bibliografia.

Susan Greendorfer, pelo estímulo, sugestões e a gentileza de ceder a forma final do questionário, fruto de sua tese de doutoramento.

Emédio Bonjardim ajudou na aplicação e análise da prova piloto, juntamente com suas atletas da Seleção Paulista Universitária de Handebol.

José Faustino da Silva, Dulce Collares Moreira, Creuza Pacheco e Paulo Costa Rodrigues trabalharam na exaustiva tarefa de transcrição dos questionários.

Eduardo Kikobun deu sentido ao trabalho de estatística com a colaboração de Silvia Cléa Ramos.

Jerônimo Pinheiro e Nan Souza, secretários de Estado, facilitaram a participação do subordinado nas atividades do Mestrado.

A atuação de todos e às sugestões apresentadas pelos Doutores que compuseram a banca da prova de qualificação: José Guilmar Oliveira, Jarbas Gonçalves e Mario Nunes de Souza, dedico os possíveis méritos deste trabalho.

R E S U M O

O objetivo deste trabalho foi estudar a influência de agentes de socialização na prática de esportes de mulheres universitárias, partindo de uma visão geral da participação da mulher brasileira em esportes de nível competitivo, desde uma caracterização do esporte, os preconceitos que envolvem a mulher esportista e as principais objeções feitas através de mitos sobre a menstruação e gravidez. Foram descritos aspectos das dificuldades encontradas para o início de atividades num campo marcadamente dominado por homens. Registrou-se o início sempre posterior de esportes competitivos para mulheres nas diversas modalidades esportivas e a baixa representatividade das mulheres nas delegações esportivas brasileiras. Foram detectadas expectativas quanto aos esportes estudantis e a participação da mulher negra. Um grupo de 120 atletas compôs uma amostra rondômica entre as participantes dos Jogos Universitários Brasileiros realizados em São Luis do Maranhão em julho de 1981. A essa amostra foi aplicado o questionário Greendorfer, de alternativas fixas com base em quatro classes de variáveis : 1) atributos pessoais 2) agentes socializantes, 3) situações socializantes e 4) envolvimento esportivo. Foi testada a hipótese de preponderância dos pais sobre os outros agentes de socialização quanto aos itens: 1) quanto os agentes estavam envolvidos em esporte, 2) quanto as pessoas eram interessadas em esporte, 3) quanto os agentes encorajaram a prática e 4) quanto os agentes desencorajaram a prática esportiva. No grupo testado não foi encontrada influência preponderante dos pais sobre os outros agentes, em qualquer item, nas três fases da vida esportiva (infância adolescência e atual) .

O conjunto de agentes mostrou atuação significativa na adolescência apenas quanto ao grau de interesse esportivo e encorajamento à prática.

A B S T R A C T

The purpose of this paper was to study the influence of the socialization agents in the practice of sports for college women, coming from a general view of participation of the Brazilian women in a competitive level and going through the characterization of the sports, the preconceptions that involve the sportswoman and the principal objections made through the myths about menstruation and pregnancy. There were described aspects of the difficulties founded to the beginning of these activities in a field largely dominated by man. The beginning of a competitive sports for women was founded to be always posterior in the several sports modalities, as well as the low representativity of the expectations to the youth sports and the participation of the black women. A group of 120 women athletes took part in a random sample picked among the ones who participated in the Brazilian College Games, realized in Sao Luis of Maranhao, in July 1981. To this sample, the Greendorfer questionnaire of fixed alternatives, based in four variable classes, was applied. The variables were: 1) personal characteristic, 2) socialization agents, 3) socialization situations, and 4) sports involvement. The hypothesis of the parents influence over other agents of socialization were tested in the items: 1) how much were the agents involved in sports, 2) how much the persons were interested in sports, 3) how much the agents would encourage the practice, and 4) how much the agents would not encourage the sports practice. In the tested group we didn't find a main influence of the parents over other agents, in any item, in the three phases of the sportive life (childhood, adolescence, and adulthood). The set of agents showed a significative actuation in the adolescence, only towards "the degree of sports interest" and "practice encouragement".

ÍNDICE

LISTA DE TABELAS	VI
LISTA DE ANEXOS	VII
Introdução	1
Esporte ou Desporto?	2
Que Esporte?	3
A Mulher e o Esporte	3
Esportes Femininos ou Os Preconceitos	6
Mulher versus Homem?	9
Menstruação e Gravidez	11
Aspectos Psicológicos	13
A Mulher nos Jogos Olímpicos	17
A Mulher no Brasil	20
A Mulher no País do Futebol	23
O Esporte Estudantil	28
Esporte Escolar	28
Esporte Universitário	30
A Mulher Negra e o Esporte	31
Socialização	34
Os Pais como Agentes de Socialização	35
Modelos de Papéis e Socialização	36
Socialização e Esporte	37
Socialização da Mulher no Esporte	38
Objetivos da Pesquisa	40
Sujeitos e Método	41
O Instrumento de Coleta	41
Resultados e Discussão	43
Conclusões	68
Bibliografia	69

LISTA DAS TABELAS

TABELA

1. Pesquisas sobre a Performance Esportiva de Atletas Durante o Ciclo Menstrual.....	12.
2. Estudos sobre a Personalidade da Mulher Atleta....	16
3. Composição das Delegações Brasileiras Participantes de Jogos Olímpicos (1920 - 1976).....	18
4. Federações -Características dos Atletas/Praticantes Registrados nas Federações, segundo regiões(1971) ·	26
5. Primeiras Competições Esportivas Masculinas e Femininas em Campeonatos Brasileiros.....	27
6. Número e Porcentagem da Amostra por Idade.....	49
7. Número e Pocentagem das Respondentes Listados por Esportes.....	50
8. Número e Porcentagem da Amostra por tipo de Esporte	51
9. Número e Porcentagem da Amostra com Relação ao Nível de Escolaridade do Pai.....	52
10. Número e Porcentagem da Amostra de acordo com o Primeiro Tipo de Esporte Infância.....	53
11. Idade do Primeiro Envolvimento Esportivo.....	54
12. Auto-Avaliação do Grau de Envolvimento Esportivo Comparado com Outras Mulheres em Cada Fase da Vida.....	55
13. Auto-Avaliação da Participação Comparada com Outras Mulheres em Cada Fase da Vida.....	56
14. Auto-Avaliação da Habilidade Comparada com Outras Mulheres em Cada Fase da Vida.....	57
15. Horas das Respondentes Aplicadas em Atividades Esportivas nos Fins de Semana - Adolescência e Atualmente.....	58
16. Horas das Respondentes Aplicadas em Atividades Esportivas Durante a Semana - Adolescência e Atualmente.....	58

17. Agentes Socializantes Responsáveis pelo Primeiro Envolvimento Esportivo - Infância.....	59
18. Número e Porcentagem da Amostra de Acordo com a Concepção Religiosa.....	59
19. Número e Porcentagem de Irmãos e Irmãs.....	60
20. Posição na Família com Relação às Irmãs e Irmãos	61
. Outras Características com Relação a Irmãos e Irmãs.....	61
21. Número de Esportes em que as Respondentes Participaram em Cada Fase da Vida.....	62
22. Número e Porcentagem da Amostra de Acordo com o Tamanho da Cidade das Atletas nas Três Fases da Vida.....	63
23. Média do Grau de Envolvimento Esportivo dos Agentes Socializantes nas Três Fases da Vida..	64
24. Média do Grau de Interesse em Esportes dos Agentes Socializantes nas Três Fases da Vida.....	64
25. Média do Grau de Encorajamento para a Prática de Esportes nas Três Fases da Vida.....	65
26. Média do Grau de Desencorajamento para a Prática de Esportes nas Três Fases da Vida.....	65
27. Análise de Variância do Grau de Envolvimento Esportivo dos Agentes Socializantes nas Três Fases da Vida.....	66
28. Análise de Variância do Grau de Interesse Esportivo dos Agentes Socializantes nas Três Fases da Vida.....	66
29. Análise de Variância do Grau de Encorajamento para a Prática de Esportes nas Três Fases da Vida.....	68
30. Análise de Variância do Grau de Desencorajamento para a Prática de Esportes nas Três Fases da Vida	68

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I

Questionário Greendorfer	77
--------------------------------	----

ANEXO II

Tabelas sobre o número, soma das médias, soma dos quadrados, média e desvio padrão sobre o grau de interesse em esportes dos agentes socializantes e graus de encorajamento e desencorajamento à prática esportiva de universitárias atletas, nas três fases da vida	95
--	----

INTRODUÇÃO

Por que, apesar dos sérios empecilhos materiais e o preconceito generalizado, a mulher luta para entrar e permanecer numa carreira esportiva? Quem ou o que corrobora com essa decisão e essa carreira? Como e em que período os agentes atuantes antes desse processo são mais importantes ?

As questões acima, que chegam a ser simplórias, norteiam os procedimentos levados a efeito nesse estudo, que pode ser considerado em dois enfoques principais:

No primeiro são levantados aspectos gerais que envolvem a prática esportiva das mulheres, com ênfase especial em envolver as raras e dispersas informações sobre a mulher no esporte no Brasil, a partir de contextos considerados relevantes e provocar novos estudos. Sem a pretensão de ser um trabalho de história cremos que ele tenha mais a função de alerta para a desatenção da sociedade brasileira para a problemática das mulheres, também no esporte, que é reconhecido como um campo de domínio marcadamente masculino.

No segundo enfoque trata-se de um estudo específico sobre os agentes de socialização esportiva de mulheres universitárias participantes dos XXXII Jogos Universitários Brasileiros realizados em São Luis do Maranhão, em julho de 1981. O estudo de socialização foi levado a efeito com os dados obtidos com a aplicação do questionário Greendorfer, objeto de tese de Doutorado de Susan Greendorfer na Universidade de Wisconsin-Madison, em 1973, e foi gentilmente cedido pela autora para a utilização com universitárias brasileiras.

Assim, o presente trabalho assume a intenção de registrar dados e chamar a atenção para as diversas linhas de estudo tentando desencadear um processo de organização da informação e incentivo a trabalhos acadêmicos que procurem desvendar as circunstâncias e apoiar as atividades esportivas da mulher.

Esporte ou Desporto ?

" Nem desporto nem sport, esporte. Desporto é um arcaísmo que Coelho Neto procurou reviver quando se criou a respectiva Confederação. Coelho Neto era muito amante de neologismos. Há já vista o " paredro ". A palavra inglesa há muito está aportuguesada e bem aportuguesada; é usada por toda gente. Devemos usar a linguagem de todos para não nos singularizarmos. Não está de acordo ? "

Essa foi a resposta dada pelo filólogo Antenor Nascentes a João Lyra Filho (1965) que, apesar da opinião do especialista, manteve Sociologia do Desporto como título do seu livro. A justificativa é a mesma utilizada atualmente:

Uma nova razão faz-me permanecer adepto ao vocábulo arcaico, ele foi atraído à própria Constituição desta nossa República Federativa. O Art.8 sobre a competência da União, dispõe na alínea 'q' do item XVII " legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional ; normas gerais sobre o desporto ". Não desejo ser denunciado como infrator da Carta Magna. [...] " Mas a denuncia pode prosperar, com mudança de acusado, pois não são raras, na legislação do país, as vezes em que os autores dos respeitadas textos oficializam a palavra esporte.

A palavra desporto deverá resistir ainda algum tempo, para denominar o esporte formal, de competição, ficando esporte para designar a atividade extra federações.

O jornalista e professor de Educação Física José Frascino (1977) propõe esporte, levantando uma farta documentação que atesta o uso corrente da palavra. A criação do CBCE e a oficialização do Esporte para Todos pelo Ministério de Educação parecem ter consolidado a utilização do neologismo a que se referia Antenor Nascentes.

A controversia é antiga. Mesmo em documentos oficiais encontramos as duas grafias. Com a grande expansão da atividade e a criação de entidades a nível nacional com opções gráficas conflitantes - Conselho Nacional de Desportes e Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, por exemplo - ficou mais urgente a necessidade de definir o termo.

Que Esporte ?

Não é da natureza deste trabalho repassar os caminhos históricos trilhados pelas conquistas humanas que levaram ao atual estágio do desenvolvimento esportivo. Ou melhor, da história das classes dominantes, já que o primeiro exemplo clássico traz sempre os Antigos Jogos Olímpicos, numa sociedade escravocrata.

A retomada das atividades físicas através dos esportes está completando um século e, sem entrar no mérito dos aspectos de libertação ou dominação que ele assumiu, pretende-se caminhar no sentido de encontrar respostas para o alijamento da metade da população mundial - as mulheres - dos seus benefícios de saúde e participação social.

A mulher e o Esporte

Foreman. (citado por Berlin, 1974), estudando as pesquisas realizadas sobre mulher e esporte constatou a insignificância do número de estudos nesse campo, notadamente quando comparado com o homem atleta. Acrescentando que as pesquisas realizadas falam do que outras pessoas pensam sobre o atleta, além do que " ... os homens que tem respondido aos questionários são, normalmente, os que relegam as mulheres às atividades ' do lar ' onde arrumar a casa e cuidar das crianças são as principais expressões de atividade física .

A socialização para papéis sexuais, no tocante às atividades em geral , e ao esporte em particular, começa cedo. A bola com suas excelentes possibilidades de interação com as atividades físicas é sempre oferecida aos meninos e as bonecas passivas, às meninas. A dicotomia entre os seres humanos que já estão nesta altura uniformizados de azul e rosa, continua com brinquedos de guerra para meninos, casinha e fogãozinho para meninas. Cratty (1967) encontrou que meninos são mais ativos e conseguem liderança através da força física, enquanto as meninas se dedicam às atividades manipulativas e recebem reconhecimento pela atividade verbal.

Felshin (1974) chama a atenção para um item fartamente documentado cujo título resume a influência do esporte na sociedade, do ponto de vista da socialização: "O esporte como componente social é, a princípio, um veículo e um agente de reforço dos objetivos de socialização na sociedade" (186). Assim a predominância dos valores masculinos da sociedade é transposta para os esportes. Agressividade, persistência e busca da vitória servem como parâmetros para caracterizar a mulher como uma anomalia nessa área.

Existe muita apreensão dos pais com relação à possibilidade do esporte " masculinizar " as meninas. É exatamente nesse quadro de " masculinizar " que o esporte tem um papel importante na afirmação de valores que possibilitarão a realização pessoal e posição na sociedade dos seres humanos do sexo feminino. O preconceito dos pais - que na realidade é exercido muito além da atividade esportiva - tende a impedir que as mulheres tenham êxito , e que se arrisquem na direção de objetivos que caracterizam as ações masculinas.

A conquista do campo esportivo segue o social. Chaffe (1972) descreve a evolução que vem se acelerando no século XX e cita, como um exemplo marcante, as fotos de propaganda da década de vinte, quando as mulheres começaram a aparecer bebendo ou fumando, em chocantes cenas de emancipação.

Aos poucos são conquistadas as oportunidades que facultam às mulheres a experiência enriquecedora dos esportes de contato, ou de maiores riscos, e não é exagero afirmar que a prática esportiva pode ser considerada um termômetro das suas conquistas em direção ao direito de exercer plenamente a cidadania.

Existem vários níveis de aptidão para a prática do esporte . As mulheres das marcas olímpicas são tão especiais quanto os homens que chegam a tal estágio. Esses resultados não significam que toda a população feminina, ou masculina, é capaz de atingir tais proezas, mas, guardadas as dimensões do potencial biológico e social, a praticante de esportes tem um suporte biológico maior do que as mulheres que não o praticam além de estar se beneficiando do exercício de participar e do treinamento para vencer.

Para enfrentar as exigências do esporte a mulher precisa estar equipada, não só com o esporte biofísico necessário, mas com as condições que interferem diretamente nessa prática. Nesse ponto, a evolução do mercado de produtos que facilita a atividade diária é fundamental. O progresso no campo das vestimentas parece ser o melhor exemplo. Os paramentos exigidos das mulheres até o início do século XX - espartilhos, enchiamentos, garndes e pesados vestidos, não traziam qualquer incentivo à prática esportiva. A ousadia do uso de calças " igual às dos homens " e a roupa chamada unisex a partir da década de sessenta tem diminuído a diferença de facilidades que os homens detinham com relação às mulheres. A revista Exame (1982

), por exemplo, traz uma matéria de capa sobre a sobrevivência do mercado de calçados esportivos em meio a recessão econômica no Brasil, em 1982. Estes calçados, usados por homens e mulheres, que não são avaliados como masculino ou femininos, mas pela eficiência e conforto que oferecem, são utilizados não só para o esporte, mas para a vida diária, o passeio e trabalho. Marca-se um bom contraste quando lembramos que há poucos anos a mulher, para sair de casa, tinha de equilibrar-se em torturantes sapatos de saltos altos, com meias delicadas que desencorajavam qualquer ousadia como correr para apanhar o ônibus ou saltar para livrar-se de um atropelamento. É uma situação muito diferente dos tenis e meióes usados atualmente. As roupas de praia e piscina seguiram o mesmo caminho e talvez tenham contribuído mais para a atividade física do ponto de vista da auto-imagem. Um corpo que não teve a oportunidade de ser cuidado passou a ser mais observável com a evolução dos saíotes para os biquínis.

Uma grande contribuição foi protagonizada pelo aperfeiçoamento dos chamados absorventes femininos. Da antiga toalha higiênica ao discreto absorvente interno colaborou-se para a desinibição da mulher esportista - e das mulheres em geral - durante os ciclos menstruais.

Os equipamentos utilizados na proteção pessoal divergem entre homens e mulheres quanto à proteção dos órgãos genitais ou dos seios. De resto, os capacetes, cintos de segurança, joelheiras, cotoveleiras e luvas tem ajudado a prática

dos esportistas de ambos os sexos.

Esportes Femininos ou Os Preconceitos

Em busca do chamado culto da graciosidade e da beleza a sociedade acaba elegendo, através da aparência, os esportes que devem ser adequados às mulheres. Os pesquisadores terão muito a oferecer quando apresentarem estudos sobre esses esportes, já que entre os leves e delicados estão, por exemplo, a ginástica olímpica - um esporte de alto risco e elevada exigência física - e também a patinação que, analisados desde este ponto de vista, poderiam receber a pecha de esportes masculinos. Há muito a se investigar a respeito dessa contradição.

É certo que os valores esperados da mulher esportista são os mesmos esperados das mulheres em geral. Criados e desenvolvidos longes dos afazeres domésticos os esportes representam uma ação de características masculinas. Num estudo apresentado a homens, com a listagem de setenta e cinco esportes, quinze foram considerados essencialmente masculinos e dois essencialmente femininos. A grande foi considerada primariamente masculina (Berlim, 1974).

Tanto a conotação de esportes como masculino e femininos, como os critérios para tais definições, estão necessitando de uma análise mais criteriosa. Em algumas ocasiões a distorção pode estar na elaboração ou interpretação dos instrumentos aplicados ou mesmo no estudioso que interpreta os dados, talvez mais do que nas pessoas entrevistadas. Landers (1970) encontrou dados que o levaram à concluir que professoras de educação física detinham escores menores na escala de feminilidade MMPI e Gough. Numa análise atenta deste estudo Felshin (1974) verificou que as diferenças estavam entre dois itens: disciplina e precaução, contra dispersão e ousadia e, também, crença religiosa. Esses campos são de difícil delimitação entre o masculino e feminino.

De qualquer forma, os mecanismos que levam à caracterização da prática de determinados esportes por mulheres começam a ser detectados. Principalmente em estudos multidisciplinares.

nares. Kagan e Moss (1962) encontraram indícios de uma relação positiva entre a massa muscular e a passividade nos primeiros anos de vida. Sendo as mulheres jovens menos estimuladas para as atividades físicas e agressão estaria formado o ciclo vicioso que contribuiria na determinação do papel social da mulher.

A sociedade condiciona a formação e também elege os parâmetros para julgar a chamada feminilidade. Um exemplo é dado por Friedan (1963) ao registrar que na década de cinquenta muitas estudantes associaram a seriedade nos objetivos acadêmicos como não feminina, e então não se interessavam muito por seus estudos com medo de que tal interesse provocasse desaprovção social.

Outro aspecto que deverá receber maior atenção é com relação à natureza dos esportes " mais adequados " para as mulheres . São individuais ou coletivos? A sociedade elege uma ou outra em detrimento da equipe por se ver ameaçada por essa união ou os chamados femininos são mais difíceis de serem explorados em grupo? Fatalmente o estudo das reportagens e matérias esportivas poderão trazer esclarecimentos. A imprensa tem depreciado a prática esportiva da mulher. Raramente encontramos mulheres como cronistas esportivas. Num estudo sobre fotos de mulheres em reportagens que envolviam atividades físicas , Pereira e Araujo (1982), verificaram que num mesmo tipo de fotografia as mulheres são veiculadas pela aparência ou grotesco, enquanto que os homens têm o registro do desempenho. Nas fotos de propaganda, as mulheres aparecem quase sempre auxiliando ou assistindo à prática esportivas dos seus companheiros.

Especialmente no Brasil, o país do futebol proibido para mulheres por Deliberação do Conselho Nacional de Desportos até 1979 - Brasil, CND (1979) - a imprensa dedica um grande espaço para este esporte, onde praticamente não há mulheres praticantes. O problema se alastra para outros campos da comunicação. Na filmografia esportiva brasileira, por exemplo, José Wolf (1978) num artigo com o título " No cinema o Futebol Ficou na Reserva " registrou que o único assunto esportivo que mesmo raramente, aparece é o futebol, portanto os homens.

Por outro lado, mesmo as publicações dedicadas aos estudos e fortemente engajadas nas lutas pelos direitos da mulher no Brasil, como o "Lavantamento preliminar sobre a situação da mulher brasileira" de Rosenberg, o combativo jornal MULHERIO, não fazem qualquer referência ao direito da mulher praticar esporte.

Existe, ainda, uma situação mais grave. Trata-se do discurso da área biomédica, reverenciado como científico, que acaba sendo veículo e dando suporte a gritantes preconceitos na área social. Poderíamos dizer que esses argumentos "a favor" têm impedido um progresso maior da mulher no esporte. Eles começam, geralmente, com a defesa da participação da mulher em todas as modalidades esportivas, sustentando esse posicionamento com argumentos da área médica conhecidos e que indicam não haver motivo para que a mulher deixe de participar das mesmas atividades esportivas que os homens. A seguir contratam com "poder, podem, agora vamos ver se devem...". Areno (1961) e Pini (1971, 1982) representam no Brasil essa corrente:

É claro que qualquer um de nós que vive a especialidade citará, de imediato, várias atividades indicadas, formalmente indicadas. A nataçãõ, o voleibol, certas provas atléticas. Atividades contra-indicadas: todas aquelas que condicionam muitos contatos pessoais, como o famigerado futebol feminino, inclusive o futebol de salão. É uma monstruosidade ver-se vinte mulheres, por que duas estão no goal, perseguindo desordenadamente uma bola em condições a mais antipáticas e desgracia - sas... (Areno, 1961, pag. 65).

Portanto, poder participar de todas as modalidades esportivas praticadas pelo homem ela pode. Resta apenas sabermos se ela deve fazê-lo.

Em nosso ver, a mulher não deve participar de modalidades esportivas como o rugby, o futebol, as lutas além de outras, por exigirem condições especiais de

treinamento e pelo enorme desgaste físico que acarretam além da violência dos contatos físicos que podem surgir no ardor das disputas. Em compensação existem outras modalidades esportivas que devem merecer sua preferência, pois melhor se coadunam com seu organismo e sua maneira de ser. (Pini, 1982, pag.209). Pelas razões expostas, a mulher deve dedicar-se apenas à modalidades esportivas que favoreçam e exaltem a sua beleza física, a delicadeza e a graça dos seus movimentos (pag. 216)

Mulher versus Homem?

Mulheres e homens têm demonstrado aptidão para a prática esportiva. A suscetibilidade a acidentes ou fadiga é dos dois sexos. Ambos necessitam de medidas que preservem sua saúde e integridade física durante a prática. Esportes como o box ou as corridas de automóveis são um sério risco à essa integridade física para ambos os sexos.

A crescente participação da mulher na sociedade e no esporte tem provocado as comparações mais absurdas. João Saldanha, respeitado colunista diário do Jornal do Brasil e ex-técnico da seleção brasileira de futebol, deu um exemplo clássico numa entrevista ao PASQUIM (1979). Perguntado sobre a mulher no futebol o jornalista respondeu que era contra, argumentando com o perigo a que estavam expostos os ovários das mulheres que estariam na barreira, durante uma falta cobrada por Rivelino. A resposta, como todas as que vem sendo dadas no gênero, é inconsistente, pois não se trata de patrocinar jogos de mulheres destreinadas contra atletas da Seleção Brasileira. Talvez nem mulheres contra homens num primeiro momento. Essas respostas não tem levado em conta também, que os homens na barreira tem seus órgãos genitais mas expostos aos perigos da falta do que os órgãos sexuais das mulheres em situação semelhante.

Atletas treinadas para participar em competições esportivas são fisicamente mais capazes do que as não treinadas. Homens preparados em todos os aspectos - desde as primeiras brincadeiras infantis - para a competição podem estar mais aptos que as mulheres, numa comparação generalizada. Mas, não

se trata de uma comparação entre iguais, mas entre similares. Não se pode comparar lutadores de pesos diferentes, da mesma forma que uma equipe feminina de basquetebol ou voleibol deverá ser sempre superior às equipes similares masculinas, de divisões e categorias inferiores. Nesse ponto cabe acrescentar à discussão o fato de que todos os recordes batidos pelo famoso nadador Jonny Weismuller - o Tarzã do cinema - já foram superados pelas mulheres.

As expectativas da sociedade de rendimento levam à comparação de resultados. Essa é uma falácia quando se compara desiguais, mas mesmo as mulheres vêm tentando mostrar que as diferenças de resultados não são tão grandes como se apregoa. Documentos importantes, como o apresentado pela Presidenta da Associação Internacional de Educação Física e Esportes para Mulheres (IAPESGW), Diem (1976), após abordar aspectos fundamentais da questão, acabam dando grande espaço à performance de algumas mulheres. É compreensível que se faça uma homenagem às heroínas do recordes, que enfrentam tanta dificuldade para chegar ao estrelato. Mas, se poucas mulheres têm oportunidade, através da chance de participar regularmente de atividades físicas desde a infância, por exemplo, dever-se-ia centrar os esforços na luta pela oportunidade para todas.

Existem diferenças biológicas entre homens e mulheres mas, as diferenças não diminuem ou incapacitam as mulheres para a prática de qualquer esporte. As diferenças bioapológicas tendem a condicionar o rendimento em certos esportes. É mais difícil encontrar uma representante do sexo feminino que possa competir na categoria de pesos pesados em halterofilismo. Entretanto não é impossível que surja alguém com a composição corporal e qualidades atípicas e consiga fazê-lo, pois os homens que disputam tais modalidades estão longe de representar o biotipo médio da população masculina. O problema é que, se surgir tal atleta, estará impossibilitada de participar, de acordo com os regulamentos.

Que o esporte é muito mais rico do que as fórmulas atualmente preponderantes do esporte medido. Não se pode estabelecer comparação entre " Gioconda " e " O Juízo Final " por suas diferenças de tamanho; são incomparáveis entre si. (p. 15)

A participação em esportes é um privilégio que atende à parcela muito pequena da população. Há o predomínio de homens na quase totalidade das instituições sociais e isso se reflete no esporte. Diretores, treinadores, árbitros, administradores esportivos são atividades encontradas no gênero masculino.

Os poucos recursos existentes para a prática esportiva são administrados por homens. Agrava-se a situação quando são atendidos os esportes discriminatórios - como o boxe e o futebol que inviabilizam o direito de mais de cinquenta por cento da população.

Menstruação e Gravidez

A menstruação e a gravidez são dois fatores que diferenciam, realmente, o atleta do sexo masculino do feminino.

Os estudos sobre o ciclo menstrual vem, gradativamente afirmando com mais ênfase a influência dos fatores de socialização sobre o comportamento das mulheres durante esse período. Os mitos e preconceitos, e não só os fatores biológicos, parecem levar a comportamentos anormais durante a menstruação. (Harris, 1976).

A menstruação tem um forte impacto na vida das mulheres, notadamente entre populações pouco escolarizadas ou carentes de informações. É comum encontrar no Brasil a identificação do sangue da menstruação como "sujeira" e, em algumas regiões, o ciclo menstrual é identificado como "doença". Assim sendo, é natural que tal período seja diferenciado e provoque alterações nas atividades desenvolvidas pelas mulheres.

Embora não haja evidências de causas orgânicas para as alterações de comportamento há que se registrar que alguns estudos indicam que durante o ciclo menstrual há uma tendência à criminalidade (Dalton, 1961), suicídio (Mandell e Mandell, Tonk, Rasck e Rose), aumento da taxa de acidentes (Dalton) e um declínio nos resultados de testes intelectuais (Dalton) (1960).

Quanto à menstruação e performance esportiva existe uma ocupação da maioria dos autores em ressaltar o bom desempenho das mulheres, inclusive com a conquista de recordes e medalhas, nesse período.

Wyrick (1974) reuniu os principais trabalhos de pesquisa sobre a menstruação e performance (TABELA I) que mostra uma tendência de estabilidade dos resultados durante o ciclo menstrual.

TABELA I
Pesquisas sobre a Performance Esportiva de
Atletas Durante o Ciclo
Menstrual

Pesquisadores	PERFORMANCE		
	Aumento %	Manutenção %	Diminuição %
Zaharieva (1965)	-		17.0
Erdelyi (1962)	13.0 - 15.0		30.7
Duntzer e Helleudall (1929)	15.0		38.5
Antoine (1941)			48.0
Kiss, Erdelyi e Haraszthy (1957)	13.0		30.0

Quanto à gravidez as opiniões são decorrentes, em sua maioria, de observações clínicas e não de pesquisas específicas .

Dois ginecologistas de atletas olímpicas: Erdelyi (1962) e Zaharaieva (1965) sumarizaram as informações reunidas até o momento:

- 1) O esporte não é um dos fatores mais importantes na influência sobre a menstruação e gravidez, pelo menos enquanto atividade em si, ou atividade física;
- 2) O processo de socialização esportiva, ou o envolvimento com companheiras, técnicos e professores pode somar-se aos determinantes sociais sobre a aceitação/rejeição dessas funções biológicas;
- 3) Os efeitos das atividades físico-esportivas são benéficos;
- 4) O tratamento é pessoal e a atleta que sente irregularidades com ou por causa da atividade física deve ser respeitada.

Em resumo, pode-se dizer que os estudos são ainda incipientes nesse campo e é Wyrick (1974) quem conclui.

As questões básicas, algumas feitas há sessenta anos , ainda permanecem. Qual o efeito da menstruação sobre:

- a) a predisposição geral para a atividade física;
- b) os níveis de performance física das mulheres em geral e das atletas de alto nível durante o ciclo;
- c) como o treinamento intensivo é sistemático em mulheres jovens afeta a idade menarca;
- d) como o treinamento exaustivo afeta a periodicidade e as características da menstruação ;
- e) existem mudanças fisiológicas cíclicas que afetam a performance física ?;
- f) quais são as implicações do controle do ciclo menstrual através de contraceptivos orais ?;
- g) como a gravidez e o parto integram com a performance ? (p. 486).

Aspectos Psicológicos

Tendo sido estabelecidos padrões masculinos para medir-se o bom desempenho na sociedade de rendimento (Sergio, 1983) e nos esportes dessa sociedade, os atributos esperados

das esportistas são menos que se espera dos homens: agressividade, orientação para o êxito, perseverança e destemor ao enfrentar riscos.

A mulher que estiver participando de programas esportivos, se quiser obter resultados, estará também, buscando esses predicados masculinos e será notada como uma invasora do campo de atividade dos homens. Com essas características de êxito esportivo - e social - ela tenderá (a) ser estigmatizada como não-feminina. O incômodo provocado por sua ação será representado socialmente como " falta de graciosidade", " ausência de feminilidade "ou de " docura ". Isto porque a mulher não é orientada para o êxito em nossa cultura. Espera-se dela , em vez de agressividade, passividade; em vez de orientação para o êxito, compreensão, tolerância e recato; e em vez de perseverança ao enfrentar risco, prudência.

A área de psicologia tem dado pouca atenção a mulher no esporte, geralmente concentrada em trabalhos sobre motivação e personalidade.

Com base nos estudos realizados por Heusen (1965), Landers e Lüschen (1970) e Loy (1968), Berlin (1974), listou nove itens que procuram caracterizar o atual estágio de conhecimento a respeito dos fatores motivacionais da mulher no esporte :

1. *A motivação humana, incluindo a dos atletas é profundamente pessoal e, algumas vezes, abarca atitudes, crenças e valores não identificáveis;*
2. *As razões para o envolvimento em esporte são múltiplas e complicadas;*
3. *Experiências anteriores em situação de competição e os fatores que envolvem tais situações tendem a influenciar as decisões sobre o engajamento em atividades orientadas;*
4. *Até agora não foi estabelecida uma relação satisfatória sobre o nível de alta performance de mulheres atletas e algum fator motivacional identificável;*
5. *A percepção, pela atleta, da sua personalidade*

peçoal no resultado de um evento esportivo e a possibilidade desse fato afetar os resultados da competição, são inexplicavelmente ligados à sua motivação;

6. A estabilidade dos motivos que levam à prática por um longo período ainda não foi estudada. Enquanto ocorrerem mudanças nas exigências das características físicas das participantes nas diferentes temporadas e tipos de esporte, a flutuação na motivação para a prática esportiva ainda não foi investigada;

7. A experiência de competir em esportes não é necessariamente a única que contribui para a satisfação das necessidades humanas que ajudam a criar indivíduos ativos ;

8. Tantos relatos pessoais quanto técnicas projetivas como meios de medir a motivação esportiva tem criado problemas de interpretação entre os investigadores

9. Não se pode apanhar um elefante numa rede de apanhar borboletas. Vários tipos de abordagens, questionários e outras interferências feitas para o comportamento esportivo, a partir das técnicas mais gerais de investigar a motivação, não poderão revelar na sua amplitude e complexidade o porque das mulheres optarem por uma atividade que vai contra padrões estabelecidos pela sociedade, além de requerer grandes sacrifícios. (p. 355).

Poucos, também são os estudos sobre a personalidade da mulher atleta, e os realizados entre 1934 e 1972 foram reunidos numa matriz analítica por Berlin (1974), e trazem, na EPPS, Edwards Personal Preference Shedule, que trata de quinze traços de personalidade estudados em atletas e não atletas, com comparações entre vários esportes, e o tradicional Cattell 16 PF.

TABELA II

Estudos sobre a Personalidade da Mulher Atleta

Instrumento	Ano	Autor Principal
Cattel 16 PF	1967	S.L. Peterson
		J.C. Weber
		W.W. Trousdale
	1968	T.M. Malumphy
	1970	C.L. Mushier
	1970	J.M. Williams
		B.J. Hoepner
		D.L. Moody e
		B.C. Ogilvie
	1971	L.K. Shofar
Edwards Personal Preference Shedule	1962	L.M. Ramsey
	1963	P. Neal
	1970	J.L. Dayries
		R.I. Grim
Guilford-Martin Gamin Inventory	1970	J.M. Williams(et alli)
		H. Ibrahim
Ogilvie-Tutko Battery	1970	E.I. Bird
Guilford-Zimmerman Temperament Survey	1957	C. Hisey
California Psychological Inventory	1972	P.A. Johnson
Lista de traços Psicologicos (Adjetive) Trait Check-list	1937	E.G. Flemming

A Mulher nos Jogos Olímpicos

A participação das mulheres nos Jogos Olímpicos tem evoluído gradualmente, sem grandes saltos ou retrocessos. Restabelecidos em plena era Vitoriana - 1896 - deve-se registrar que a participação da mulher nos Jogos começou do zero. Földes (1964) registra que em 1896 uma mulher de nome Melpomene teve negado o seu pedido de inscrição na Maratona. Gerber (1974) credita tal negativa ao Barão Pierre de Coubertin, que era veemente contra a participação de mulheres nos Jogos Olímpicos.

E famosa a oposição do Barão à entrada das mulheres nos "seus" Jogos. Esteves (1975) cita que o " *Barão argumentava como o axioma de Proust, declarando: ou se fecham ou se abrem todas as portas. E como o acesso a todas as portas não eram permitido às mulheres por que permitir-lhes a entrada nalgumas, proibindo-as nas restantes ?... Ele nem sequer admitia a realização de uma Olimpíada Feminina, que seria qualquer coisa de ' impraticável , desinteressante, inestética e incorreta'*" (p. 132).

Assim a luta para acrescentar qualquer modalidade aos Jogos sempre foi mais acirrada quando se tratava de mulheres. Apesar da evolução ainda é desigual a participação de homens e mulheres nos Jogos. O Comitê Olímpico Internacional (1980) informa que participaram dos Jogos Olímpicos de Moscou 5.872 atletas, sendo 1.247 mulheres. Completam os 8.264 participantes 2.392 pessoas sob a rubrica "pessoal". Nessa rubrica estão dirigentes, treinadores e preparadores físicos, certamente numa proporção ainda maior do que a comparação entre os atletas do sexo masculino e feminino. O mesmo foi (1981) registra que nos Jogos da XXIII Olimpíada, de Los Angeles estarão em disputa 191 medalhas de ouro, sendo 134 para homens 53 para mulheres e 2 mistas.

As informações contidas na Tabela 3 sobre a participação do Brasil são esclarecedoras.

TABELA III

Composição das Delegações Brasileiras Participantes
de Jogos Olímpicos - (1920 - 1976)

Olimpíada	Atletas		Dirigentes		Técnicos		Total	
	H	M	H	M	H	M	H	M
VII 1920	34	-	2	-	1	-	37	
VIII 1924	10	-	2	-	1	-	13	
IX 1928	O BRASIL NÃO PARTICIPOU							
X 1930	81	1 ^a	29	-	5	-	115	1 ^a
XI 1936	66	6	21	-	17	-	116	6 ^c
XIV 1948	58	16	26	-	9	-	109	16
XV 1952	141	5	27	1 ^d	10	-	178	6
XVI 1956	42	1	16	-	2	-	62	1
XVII 1960	80	1	18	-	6	-	104	1
XVIII 1964	65	1	13	-	5	-	83	1
XIX 1968	81	3	18	-	9	-	108	3
XX 1972	NÃO DISPONÍVEL NO DOCUMENTO CONSULTADO							
XXI 1976	86	7	25	1 ^a	10	-	122	8
XXIII 1984			24	2	34	1		

a - Quadro montado a partir dados do C.O.B (1980)

b - Maria E.H. Lenk - Natação

c - Uma atleta viajou em companhia da mãe e irmão, que fizeram parte da delegação

d - Acompanhante feminina.

Ao registrarmos a participação de mulheres brasileiras nas Olimpíadas temos que fazer duas ressalvas:

1. A Olimpíada é um evento elitizado e caro, coroamento de um dispendioso processo de seleção e preparação de atletas, o que facilita a participação dos chamados países desenvol-

vidos, onde também a mulher tem seu processo de emancipação mais evoluído;

2. A dominação do homem nos países do Terceiro Mundo, complicando a participação da mulher em qualquer campo de representação.

Em estudo sobre as Olimpíadas de Helsinque, Jokl (1956) analisando os países que não apresentaram atletas, do sexo feminino e verificando a baixa classificação e algumas que apresentaram, constatou uma relação entre essas características com altos índices de mortalidade infantil e baixa expectativa de vida nos referidos países.

Reforçando a tese do elitismo econômico nos Jogos Olímpicos José Esteves (1975) asseverou:

1. *O aristocratismo do movimento olímpico surgiu na invocação das lutas da Grécia Antiga, nas quais eram estritamente aplicado o princípio da segregação.*

2. *Desde sempre a constituição do Comitê Olímpico internacional tem mostrado o impressionante domínio das classes sócio-economicamente favorecidas, como o repúdio expresso de todas as fórmulas democráticas e representativas dos organismos internacionais que dirigem as várias modalidades esportivas (bem como dos próprios comitês olímpicos).*

3. *Desde sempre, também a percentagem dos atletas participantes dos Jogos Olímpicos mostra um nítido predomínio das citadas classes favorecidas (p. 182).*

O alijamento das mulheres dos Jogos Olímpicos, principalmente das decisões sobre o movimento olímpico, poderia ser exemplificado com a composição dos principais comitês nacionais, dos países onde a luta das mulheres está mais avançada ou, tranquilamente com os dirigentes dos comitês dos países pobres. Entretanto fica para registro a reunião do Comitê Olímpico Internacional realizada em 10 de abril de 1981 em Lausane. Entre as 73 autoridades esportivas presentes, apenas a Sra. Monique Berlioux representava o chamado sexo frágil.

A Mulher no Brasil

Há que se buscar a evolução da condição feminina no Brasil na formação econômica do País. A sociedade escravocrata estruturada a partir dos interesses coloniais de Portugal, marcando decisivamente o papel social da mulher, tem seus traços, ainda presentes, em pleno século XX.

Tanto as mulheres brancas vindas da colônia que faziam seu papel tradicional de cidadãs de segunda classe, auxiliar do marido, como a mulher negra, que participava da miscigenação obedecendo as ordens do patrão, contribuíram, involuntariamente, para a perpetuação da situação da mulher como ser de segunda categoria, subalterna nas relações sociais.

Na medida em que o Brasil foi-se expandindo firmaram-se na cena histórica os homens da Companhia de Jesus, que "doutrinavam os meninos nas escolas e as mulheres nas capelas e igrejas" (Saffioti, 1976 p.187). Assim, o que poderia ser um caminho de libertação do jugo patriarcal para a mulher, passou a reforçar os papéis diferenciados, já que os meninos recebiam as primeiras letras e as mulheres a formação baseada na submissão ao marido e à Igreja. Todos na direção da fé e da salvação da alma.

Era, pois, de esperar a persistência do homem nas posições de comando na sociedade, já que a escolarização permitia aos meninos uma vida mais rica e às meninas restava a submissão, à timidez, a ignorância, que eram as características das mulheres brasileiras registradas por viajantes estrangeiros. Saffioti, (1976) registrou, também, a extrapolação dos serviços dos religiosos que, através da educação formal já davam sua contribuição à discriminação da mulher, citando uma saborosa passagem de Gilberto Freire em Casa Grande e Senzala. A passagem registra o reforço prático da situação patriarcal desempenhada pelos missionários:

No século XVI, com excessão dos jesuítas donzelões intransigentes, padres e frades de ordens mais relaxas, em grande número, se amancebaram com índias e negras; os clérigos de Pernambuco e da Bahia, escan

dalizando o Padre Nóbrega. Através dos séculos XVII e XVIII e grande parte do século XIX, continuou o livre arregaçar de batinas para o desempenho de funções quase patriarcais, quando não para o excesso de libertinagem com negras e mulatas. Muita vezes, por trás dos nomes mais seráficos deste mundo - Amor Divino Assunção, Monte Carmelo, Imaculada Conceição, Rosário - dizem-no certos cronistas que ascetas angustiados pelo voto de castidade, floresceram garanhões formidáveis (p. 188).

A instituição era, assim, a porta por onde os brasileiros deveriam transitar em direção à vida na sociedade, passando pela religião. Os homens tiveram suas primeiras chances no primeiro século de fundação e às mulheres coube a primeira chance em 1678 com o primeiro convento brasileiro fundado na Bahia, cujo nome é esclarecedor : Recolhimento do Desterro.

Com a vida da Corte Portuguesa para o Brasil, senhoras francesas e portuguesas passaram a ensinar religião, aritmética , língua nacional e costura e bordado nas casas em que eram recebidas como pensionistas (Saffioti, 1976).

Os jesuítas, expulsos do Brasil e, 1759, quando já contavam com uma razoável rede de ensino, deixaram uma lacuna no ensino, que, ao ser retomado, teve a influência das iniciativas liberalizantes. Em 1823 há uma aparição clara da mulher no cenário educacional, com o projeto que visava condecorar com a Ordem Imperial do Cruzeiro quem apresentasse o melhor tratado de "educação física, moral e intelectual para a mocidade brasileira, de um e outro sexo "

A situação real e legal de o século XIX foi assim descrita por Saffioti (1976).

Entre as leis brasileiras de meados do século XIX tivemos a Lei de 1927 " haverão escolas de primeiras letras que se chamarão pedagogias, em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos do Império. Serão nomeadas mestras de meninas e admitidas a exame na forma já indicada, para cidades, vilas e lugarejos mais populosos, em que o presidente da província, em conse

lho, julgar necessário esse estabelecimento, aquelas senhoras que por sua honestidade, prudência e conhecimento se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também, coser e bordar ", e que, em 1830, receberia o seguinte relatório : " por falta de professoras idoneas, não atraídas pela remuneração pouca, não supriu a vitaliciedade". As escolas femininas ainda foram mais infelizes : Lino Coutinho, em 1832, não dá conta do funcionamento de vinte em todo o Império citado por Saffioti (p. 192-193).

As marchas e demarchas da escolarização, que era parcimoniosa no atendimento às brasileiras, teve um marco importante no Decreto 7247, de 19/04/1879 que assegurava a co-educação rigorosamente vigiada até os dez anos, já que a partir dessa idade os meninos podiam frequentar as mesmas escolas que as meninas . Por sua vez, meninas não tinham acesso ao ensino secundário que as pudesse levar a uma educação superior, pois o curso que dava acesso ao ensino superior era o do Colégio Pedro II , que era exclusivamente masculino. (Saffioti, 1976, p. 202).

A escola normal, com a fundação de qualificar " para o magistério das primeiras letras " era o caminho de que a mulher dispunha e que era caracterizado tanto pela pressão social quanto por não precisar preparar as alunas para o ensino superior. Era um ensino voltado para as tarefas que a sociedade destinava para as mulheres. Mais tarde a escola normal receberia a alcunha popular de "espera marido".

O caminho para se chegar ao ensino superior era cursar do colégios confessionais, alguns dos quais protestantes, sendo a maioria católica. Registra-se, em 1881, a primeira matrícula no ensino superior e Azevedo (1964) registra que : nos Ginásios leigos, oficiais ou particulares, eram raras as mulheres, que se concentravam nas escolas normais, prepostas à formação do magistério primário, e em escolas profissionais, das chamadas ' artes domésticas' No Brasil, até 1930, não haviam ainda as mulheres conquistando seu lugar no ensino superior e universitário (Azevedo p. 639).

As escolas religiosas, a despeito da modernização, ainda ostentavam os ideais da subserviência feminina dos primeiros tempos da colonização e, sendo parte do contexto social, formando as filhas e futuras mães e esposas, irradiaram suas características ajudando a permanência dessas primeiras concepções de discriminação em todo o sistema escolar.

Atualmente, temos como resultado da chegada retardada da mulher no ensino superior e a vigência dos velhos ideais de dependência e submissão feminina, a obstrução do campo de trabalho mesmo para mulheres de nível superior de escolarização. As chances são de ocupar lugares em fase de abandono pelo homem, por pouca rentabilidade ou superação tecnológica. Bruschini e Rosemberg em a Mulher e Trabalho (1982) registram com precisão a evolução da mulher no mercado de trabalho no Brasil.

A tarefa de superar essa situação tem-se constituído no trabalho de base dos grupos de mulheres que, na tentativa de competir em igualdade de condições pelo mercado de trabalho com seus companheiros do sexo masculino, ter que exercer a " dupla jornada de trabalho ". Pois sobrevive a obrigação das " prendas do lar " para o que várias gerações de brasileiras foram insistentemente doutrinadas.

A Mulher no País do Futebol

Embora existam diferenças fundamentais das atividades físicas e lúdicas de outras épocas da humanidade, onde geralmente se buscam as raízes do esporte praticado atualmente, temos, hoje, um produto da era industrial ou da Segunda Onda, como caracterizou Toffler (1980).

O surgimento dos esportes com a sua prática mais generalizada e com características de um produto da urbanização na segunda metade do século XIX, com a marcante atuação dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, não poderia deixar de receber a influência de sua época. Daí, como produto exportado da grande potência econômica do fim do século passado, a Inglaterra, o esporte, ou a prática esportiva, incorporou os " ideais Vitorianos " ditados pelo longo reinado da Rainha Vitória (1837-

- 1901) que encarava a mulher como um ser etéreo sobre um pedestal, acima da realidade mundana da vida (Gerber, 1974).

Tendo chegado ao Brasil através das mesmas agências educacionais e religiosas que tinham pela mulher um baixo nível de consideração, pode-se atestar o longínquo ponto em que se iniciou o trabalho das mulheres brasileiras para a conquista do direito ao esporte.

Aqui cabe fazer uma distinção entre a prática das atividades físicas institucional, através das escolas, e a participação das mulheres nos esportes. Enquanto praticante de atividades físicas controladas pelo sistema escolar, a mulher sempre foi aceita - fora alguns senões com relação às roupas esportivas - já que a mãe e dona de casa pode ficar mais eficiente com as " atividades ginásticas ". No esporte, como um campo de predominância masculina com objetivos de vitória, rendimento e sucesso social é que as dificuldades aparecem.

A Lei nº 630, de 1851, que inclui a ginástica no currículo das escolas primárias (citado por Pereira da Costa (1971) não faz referência à discriminação de sexo. Na prática haviam poucas possibilidades da mulher receber o benefício dessa ginástica, pois esta vinha proporcional aos benefícios educacionais que eram preponderantemente dirigidos aos homens .

Maria Lenk, precursora da participação da mulher brasileira no esporte, cita em Braçadas e Abraços (1982) a importância que o movimento de emancipação das mulheres, principalmente na década de 1920, teve para as esportistas. Ela aceita as "heroínas" Bertha Lutz, como líder feminista e a aviadora Anésia Pinheiro Machado, a primeira mulher a obter o brevê de piloto.

A gradual conquista do espaço esportivo sempre foi arrefecida por contra-propostas na direção dos persistentes ideais vitorianos. Vencido o período das ginásticas, que retornou surpreendentemente com as atividades individualistas das "academias" e "coopers". há ainda hoje, a eleição dos chamados esportes apropriados, ou mais doces e leves para as mulheres.

Acreditando que a programação de competições a nível nacional denota em estado de amadurecimento - número de prati-

antes e nível técnico - de determinado esporte apresentamos na Tabela 6 a data de início das competições masculinas e femininas nos principais esportes praticados no Brasil. Este quadro poderá ser complementado pela composição das delegações brasileiras às Olimpíadas , (Tabela 3).

O Registro de atletas nas federações esportivas do Brasil realizado no primeiro - e único - Diagnóstico da Educação Física e dos Desportos do Brasil (Pereira da Costa (1971) Tabela 4, oferece, também, dados sobre a disparidade entre praticantes de esporte do sexo masculino e feminino.

Tabela IV

Federações - Características dos Atletas/Praticantes Registrados nas Federações

Segundo Regiões - Pereira da Costa (1971)

Regiões	Total	Masculino	S/Total %	Feminino	S/Total %	Menores de 18 anos	S/Total
Norte	10.702	9.064	85	663	6	975	9
Nordeste	55.301	45.179	82	1.980	3	8.142	15
Sudeste	327.741	255.791	78	19.442	6	52.508	16
Sul	98.837	66.721	67	5.672	5	26.444	28
Centro-Oeste	40.904	34.398	84	447	1	6.029	15
Brasil	533.485	411.153	77	28.234	6	94.098	17

TABELA V

Primeiras Competições Esportivas Masculinas e
Femininas em Campeonatos Brasileiros^(a)

Modalidade	1º Campeonato Brasileiro Adulto	
	Feminino	Masculino
Atletismo	1940	1925
Basquetebol	1940	1925
Handebol	1978	1974
Natação	1935	1898
Tenis	1947	1923
Tenis de Mesa	1950	1946
Voleibol	1944	1944

(a) Com excessão do Handebol, os dados foram compilados de Sherman (1954).

Os dados da Tabela V registram um atendimento diferenciado de oportunidade para homens e mulheres. Essa distorção parece ser uma das causas principais da participação inexpressiva das mulheres no cenário desportivo nacional registrada pelo Diagnóstico de Educação Física/Desporte no Brasil (Pereira da Costa 1971).

2.11. A participação feminina no desporto organizado é ainda inexpressiva e o baixo índice de adolescentes federalizados - com excessão da Região Sul - permite com provar dificuldades quanto à renovação, principalmente nas modalidades mais sofisticadas (p.356.)

O Esporte Estudantil

Esporte Escolar - As modalidades esportivas não constituem disciplinas da matéria Educação Física, nos currículos escolares. Tampouco outros conteúdos estão determinados para o cumprimento da obrigatoriedade da disciplina em todos os graus e ramos de ensino. Como -por fatores que não cabe discutir aqui - a população carece a tecnologia da Educação Física e dos Esportes, não há reivindicação quanto as atividades mais adequadas nessa área. Essa indefinição tem propiciado mais uma afirmação pessoal dos professores e técnicos desportivos das escolas, do que uma escolha coerente com base em princípios educacionais.

É possível que a partir desta constatação possa ser entendida a ênfase que os professores deram aos chamados esportes amadores. Tal preferência tem afastado o futebol das escolas, ao mesmo tempo que outras atividades de formação corporal, com grande perda com relação à socialização das crianças, principalmente das meninas. A Deliberação 7/65 do Conselho Nacional de Desportos, que proibia a prática de esportes para mulheres talvez nem chegasse a ser editado se os esportes tivessem tido tratamento adequado nas escolas.

Amargamos aqui mais uma investida do subdesenvolvimento. Enquanto no país em que o futebol faz parte de todas as áreas e impregna os meios de comunicação ele é proibido para mulheres e afastado das atividades físicas das crianças em outros países, como é o caso dos EEUU, onde o esporte chegou sem pagar dividendos de tecnologia, meninas e meninos desfrutam de seus benefícios como atesta o Journal Of Health, Physical Education Recreation and Dance de fevereiro de 1963. (a matéria de capa desta edição traz meninas e meninos disputando uma animada partida de "soccer".

A despeito das distorções, o esporte tem tido a oportunidade de contribuir com as atividades escolares. Os estudos sobre a evolução da co-educação e das ações extra-classe -como formar equipes de trabalho ou de esportes - trarão novos aspectos desta questão.

O estudo sobre o real papel a ser desempenhado pelo esporte nas escolas está para ser feito.

Em 1969 é realizada a primeira edição dos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) que, reunindo praticamente todos os Estados tem mantido a regularidade de sua realização anual até hoje, embora ainda não tenha conseguido despertar, em nossos estudiosos, um mínimo de atenção que pudesse levar à reorientação dos JEBs.

Sem o futebol em sua programação os JEBs têm oferecido uma participação mais efetiva às mulheres. A competição conta, até, modalidades esportivas exclusivas para mulheres, como a ginástica rítmica desportiva, que tem minorado a diferença no número de inscrições, desequilibrado pelo judô e polo aquático, os chamados "esportes masculinos". Pode-se dizer que os JEBs tem a vantagem de cumprir os espaços destinados às mulheres, o que seria corriqueiro se equipes femininas não fossem tão discriminadas. Quanto à distinção entre esportes "femininos" e "masculinos" vale o preconceito comodamente instalado nas deliberações do CND (Castellani Filho, 1982).

Excetuando-se os estados mais desenvolvidos, que já mantinham competições escolares - São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul- os JEBs foram o maior impacto esportivo nacional. Neste aspecto dois fatores contribuíram decisivamente para tal expansão:

1- A necessidade dos estados selecionarem atletas para participarem dos JEBs, como contribuição de atletas e técnicos que haviam participado de JEBs anteriores, e realimentavam o sistema;

2- A descoberta da promoção através do esporte feita por escolas particulares e escolas públicas mais tradicionais. Algumas empresas educacionais passaram todo o seu investimento de propaganda para os departamentos de esporte de suas escolas.

Num ambiente francamente discriminado as meninas acabaram sendo beneficiadas, se é que podemos chamar de benefício ser chamado para complementar uma equipe. Tal fato deveu-se à existência dos "Troféus Olímpicos", ou contagem geral de pontos

sem paralelo na competição nacional, nos diversos estados. Para ganhar o troféu é necessário que o colégio reúna o maior número de pontos e para isto tem que participar de todas as modalidades . A pressão da rentabilidade da verba de propaganda tem feito com que as escolas particulares invistam nas equipes femininas para poder conseguir mais pontos.

Esporte Universitário O acesso ao esporte universitário é facultado a uma ínfima parte da população brasileira, condicionado que é pela possibilidade do acesso ao ensino superior. Ocupado historicamente pelas classes dominantes caberia estudar quais e como os esportes tem evoluído nesse meio.

A reconstituição da história do desporto universitário no Brasil - notadamente o feminino - está exigindo uma atenção urgente, além de um paciente e exaustivo trabalho de recuperação de informações. Os documentos que facilitariam esse trabalho foram destruídos durante a invasão e queima de documentos da sede da União Nacional dos Estudantes (UNE), no primeiro de abril de 1964. A Confederação Brasileira de Desportos Universitários funcionava no prédio da UNE. O contexto histórico da invasão é descrito por Poerner (1979).

As duas principais obras de história da Educação Física e dos Esportes no Brasil, de Adolpho Sherman (1954) e Inezil Penna Marinho (1955) não fazem referência ao esporte universitário feminino.

De qualquer maneira, pode-se constatar que a participação de mulheres no esporte universitário tem sido decorrente de iniciativas isoladas, e é, em grande parte, duplicação de atividades atléticas de mulheres que já participam dos campeonatos das federações específicas, sendo os Jogos Universitários estaduais ou nacionais mais uma competição dessas equipes.

A falta de renovação entre equipes universitárias femininas tem sido sustentada, também, pelo recurso utilizado por escolas particulares de Educação Física, que mantêm as atletas matriculadas em seus intermináveis cursos de técnicas desportivas que, com 180 horas, rendem o vínculo estudantil da atleta com a instituição dando, em consequência, condições para que

elas participem das equipes estaduais.

O esporte feminino na universidade, ou entre universitárias já teve tempo para se organizar, a partir da obrigatoriedade de Educação Física em todos os graus e ramos de ensino, que insiste na predominância esportiva no ensino superior (Decreto Lei 705/69).

A legislação específica, com seus dois Decretos - 705/69 e Lei nº 6.503 de 13 de dezembro de 1977 merecem uma atenção especial com relação à mulher, principalmente nos artigos com relação à dispensa da prática, que acrescentou , a possibilidade de dispensa à aluna com prole.

Essa dispensa carrega muito a discriminação da mulher na medida em que o homem que tem filhos continua sendo beneficiário compulsório da Educação Física no ensino superior, enquanto a mulher é gentilmente afastada desse benefício, com a diminuição do seu convívio universitário. Pode-se prever as consequências da desinformação daí decorrentes, com a mulher de nível superior atuando em quaisquer campo de trabalho, como também a desimportância das atividades físicas que ela vai veicular no seu círculo familiar.

Os dados disponíveis não trazem qualquer referência ao fato de alguma mulher ter exercido cargo de direção no desporto universitário.

A Mulher Negra e o Esporte

A porcentagem de atleta negras nas equipes brasileiras não corresponde à mesma relação negras/brancas da população em geral.

Uma observação mais acurada leva à constatação de que mesmo esse pequeno número de participantes negras está concentrado em determinados esportes.

Algumas atletas negras que participaram da amostra do presente trabalho declararam serem brancas. Outras deixaram de preencher o item.

A evolução da condição da mulher negra no Brasil, a partir da formação econômica do país montada sobre o regime

escravocrata, vem a partir da mulher escrava, manceba de patrões e religiosos. Tal situação deveria predispor-la a ser diferente da branca, mais escondida e recatada, debilitada socialmente pela proteção do domínio patriarcal. Por que essa mulher aparentemente mais exposta à vida social não chegou ao esporte com maior expressão.

Certamente o contexto urbano e o esporte como fenômeno deste contexto tem muito a esclarecer. A mobilidade da mulher negra numa sociedade rural, com os valores claramente estabelecidos e hierarquizados pela sociedade patriarcal é diferente nos centros urbanos, onde a mulher branca, também oprimida, passa a entrar em choque com ela.

No meio esportivo o homem negro ascendeu nos esportes profissionais mais populares na medida em que teve acesso a eles - mais especificamente no futebol e basquetebol, o segundo em proporção em menor. Com as possibilidades de ascensão esportiva restritas ao futebol e a proibição de sua prática para as mulheres pelas leis brasileiras extingue-se a maior possibilidade existente.

Por outro lado, podemos observar alguma expressão na prática esportiva das mulheres negras no atletismo. A primeira mulher vista essa oportunidade pode ter surgido da mesma forma como foi suspensa a Deliberação 7/65, do CND. Segundo Lenk (1986), o Brasil estava sendo prejudicado nas contagens de pontos e número de medalhas em competições internacionais, caso específico do Judô. Como a Deliberação proibia, entre outros, "as lutas" para mulheres revogou-se a proibição. As mulheres passaram a trazer os pontos e as medalhas.

É simples estabelecer uma analogia entre o judô de que falou Maria Lenk e o atletismo em nossas competições internas. Uma vitória ou um segundo lugar num obscuro salto em extensão rende à equipe o mesmo prêmio - medalha - que a classificação obtida por uma numerosa equipe de futebol ou voleibol.

O caráter periférico e secundário do apoio dado a essas atletas poder ser avaliado quando verificamos que a natação permitiria o mesmo esquema, mas exigiria um trabalho e condições a que as mulheres negras não tem tido acesso, pelo preconceito.

O preconceito racial chega a extremos quando a avaliação do esporte é subjetiva, notadamente nos esportes chamados "adequados para mulheres" - tais como ginástica olímpica e ginástica rítmica desportiva. Nestes esportes constam itens de graça e beleza estereotipados e reforçados à exaustão pelos meios de comunicação - cabelos lisos, pele branca ou brozeada, olhos claros. A ausência de mulheres negras em fotos de propaganda que utilizaram a prática esportiva serve como reforço dessa argumentação (Pereira e Araujo, 1982).

Seria interessante termos, no Brasil, um estudo sobre padrões de beleza - e racismo - dos juizes de ginástica comparados com os resultados das provas com julgamento desses mesmos juizes.

Por outro lado, os estudos sobre a mulher negra não podem estar distantes de todas as lutas pela igualdade de direitos para negros e brancos, como os movimentos negros registrados a partir da década de sessenta e que teve um momento marcante, na área esportiva, durante os Jogos Olímpicos do México.

A participação das mulheres negras na nataçãõ e seu acesso às piscinas, os clubes chamados "de elite" e o direito da mulher negra beneficiar-se das possibilidades de saúde através das atividades esportivas, a existência de negros como dirigentes esportivos ou mesmo como técnicos, merecem estudos.

O exemplo do difícil caminho de acesso ao esporte trilhado por homens negros - e que está para ser seguido pelas mulheres - chegou a criar o apelido "põ-de-arroz" ao sofisticado clube "de elite" Fluminense, numa passagem ~~ben~~ humorada descrita . (por Mario Filho , 1946)

O caso de Carlos Alberto, do Fluminense... tinha de entrar em campo, correr para o lugar mais cheio de moça na arquibancada, parar um instante, levantar o braço, abrir a boca num hip, hurrah. Era o momento que Carlos Alberto mais temia. Preparava-se para ele, por isso mesmo, cuidadosamente, enchendo a cara de põ-de-arroz, ficando quase cinzento. Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção. O cabelo escadinha ficava mais escadinha emoldurando o rosto, cinzento de tanto, põ-de-arros ... e a torcida... põ-de-arroz , põ-de-arroz...

(p.53)

Socialização

Socialização é o processo pelo qual o indivíduo é integrado na sociedade. Esse processo é provocado pelos chamados agentes de socialização que agem em função do seu prestígio e poder de distribuir amor, recompensas e punições. Os agentes de socialização predizem o que a criança deve ser. (Inkeles, 1968)

Baim (1966) Inkeles (1968) incluem entre os fatores responsáveis pela socialização os atributos pessoais, personalidade, valores e atitudes aprendidas nos primeiros anos de vida, especificando que não há uma ordem estabelecida para a ação desses fatores.

A socialização é examinada em três campos :

Psicologia : estuda o desenvolvimento de características individuais relevantes ao comportamento social, tanto quanto os processos através dos quais essas tendências comportamentais são aprendidas.

Sociologia : concentra-se em características de grupos específicos ou instituições onde a socialização ocorre e onde o comportamento comum do indivíduo é adquirido em variados contatos.

Antropologia: encara a socialização do ponto de vista geral da cultura, que ajuda a determinar os contornos (fronteiras) das experiências de socialização.

Considera-se a família como o primeiro agente de socialização, que impõe expectativas de comportamento. Outros agentes agindo no mesmo sentido são o grupo de pares, o pessoal da escola, vizinhos e amigos da família, os órgãos de comunicação e as agências formais tais como os partidos políticos e as organizações burocráticas.

Um dos pioneiros no estudo dos agentes foi Merton (1953) que fez uma tentativa ao criar um sistema de classifica-

ção dos agentes em positivos e negativos. Kuhn (1964) e Clausen (1968) já numa fase mais adiantada dos estudos identificaram as dificuldades encontradas para determinar como os sujeitos selecionam os agentes.

Os Pais como Agentes de Socialização

Sears, Maccoby e Levyn (citados por Greendorfer 1974) encontraram pouca evidência de que meninos e meninas recebam tratamento significativamente diferente dos pais.

Kagan e Lewis (1965); Lewis (1972); Goldberg e Lewis (1969) afirmaram, em contrapartida, que há diferença no tratamento dos pais.

Aberle e Neagele (1952); Hartley (1959) Rothbart e Maccoby (1966) identificaram as diferenças no tratamento dos pais relacionadas ao sexo das crianças.

Outros estudos especificaram as diferenças de tratamento com expectativas diferentes para meninos e meninas e os resultados remetem aos estudos de Aberle e Neagele (1952).

Tasch (1952), estudando o tipo de treinamento de habilidades motoras instigados pelos pais, concluiu que os padrões de papéis sexuais dos pais tinham correlação com o tipo de habilidade oferecido às crianças, com atividades de coordenação motora dirigida aos meninos.

Goldberg e Lewis (1969) sugerem, ainda, que o tratamento de meninos e meninas pelos pais leva a comportamentos específicos: as meninas são mais dependentes e pacatas, com atitudes pouco exploratórias, enquanto os meninos são excitados com brincadeiras que exigem um mínimo de coordenação motora, e a interação com esses brinquedos é enriquecida com a aquiescência dos pais quando os meninos tendem a quebrá-los, ampliando essa interação.

Outro fator a ser levado em conta, já que os pais são considerados os principais agentes de socialização, a maneira como é realizada a interação pais-filhos, tratada por Goldberg e Lewis (1969) e Kagan e Lewis (1965), que encontraram

maior atenção interativa das mães com as meninas. Isto quer dizer que as meninas são mais tocadas e as mães conversam mais com elas, e isto também significa que elas estão mais sujeitas a receber a carga de pressão desses agentes do que os meninos. Esses estudos foram realizados com crianças de até 13 meses de idade.

Greendorfer (1974) encontrou a tendência dos sujeitos atestarem maior influência dos pais do mesmo sexo, em comparação com o sexo oposto.

Lewko e Greendorfer (1977) observaram que os estudos realizados com crianças que sofreram a ausência do pai até os cinco anos demonstraram tendências às atividades consideradas femininas além de um baixo grau de agressividade e iniciativa à exploração do ambiente. Isto viria a confirmar a influência do pai como modelo/agente de atividades masculinas sobre as crianças e, com mais efeito, sobre os meninos.

Modelos de Papéis e Socialização

Greendorfer (1974) sugere três linhas de abordagem com relação ao modelo de papéis e socialização. A primeira, de tipificação sexual, envolve a instrução, punição e recompensa, generalização e imitação (Brim, 1958; Bandura e Walters 1963).

A segunda, que é sempre relacionada com a primeira, vê a tipificação sexual como um produto da identificação (Brown, 1958 ; D'Andrade, 1966; Dornbush, 1966).

A terceira dá importância ao desenvolvimento cognitivo e à maturação; considera que os papéis sexuais são resultantes do conhecimento e emergem naturalmente, independentemente do treino específico e experiências de aprendizagem (Kohlberg, (1966).

De qualquer forma, os estudos são unânimes quanto a época mais importante com relação a determinação de papéis sexuais : os primeiros anos de vida. Maccoby e Jacklim (1974) sugerem que essa atuação dos agentes é reafirmada ainda na ida de pré-escolar.

Barry, Bacon e Child (1957) não encontraram diferenças sexuais de crianças com relação às práticas socializantes.

Inkeles (1968) foi enfático ao analisar a influência dos agentes com relação a papéis sexuais, acentuando que não é uma influência aleatória ou de acordo com as características dos agentes, mas um verdadeiro treinamento das crianças em função dos seus sexos.

A influência dos irmãos, seu número, sexo e posição ordinal na família também tem sido salientada por vários autores como importante variável modeladora de tipificação sexual. (Shell e Silber, 1968; Biquer, 1972) diz que embora isto não tenha recebido muita atenção por parte dos pesquisadores, vários estudos sugerem que a presença de um irmão mais velho demonstrou ser importante fator relacionado à tipificação sexual da criança nascida em segundo lugar.

Socialização e Esporte

Existem duas abordagens principais nos estudos de socialização e esporte:

1- O esporte como meio ou veículo para a aprendizagem social sendo examinada a sua influência na infância e na adolescência (Helanko, 1960, 1969; Roberts e Sutton Smith, 1962; Kenyon, 1968; Snyder, 1970).

Snyder, (1970) dessa perspectiva o esporte é tratado como uma variável independente e a socialização é relacionada a outro fenômeno social qualquer.

2- É a adotada por Greendorfer (1974) e trata da socialização do esporte, que aparece como uma variável dependente (Kenyon, 1966, 1968 a 1970; Mc Pherson, 1971).

A socialização no esporte focaliza a socialização em geral - na identificação e importância dos agentes.

Snyder e Spreitzer (1973) analisaram a família como um fator determinante do envolvimento esportivo.

Lwko e Greendorfer (1977) concluíram que a família, mais do que pares e escola, influi na socialização da criança no esporte.

Pudelkiewicz (1970) encontrou resultados que atribuem aos pares o estímulo inicial para a prática de esportes.

Whol e Pudelkiewicz (1972) sugeriram que, entre outros fatores, deve ser considerado o envolvimento esportivo dos agentes socializantes.

Greendorfer (1974) analisando estudos feitos com sujeitos masculinos conclui:

1- O primeiro envolvimento esportivo é na infância (Kenyon, 1966 e 1969).

2- O aprendizado esportivo é influenciado eventualmente por agentes socializantes que ensinam e reforçam comportamentos específicos em situações sociais também específicas: escola, treinadores, pais são os mais influentes (Kenyon, 1966, 1969, 1970; Mc Pherson, 1968).

3- A influência de certos agentes são específicos de determinados esportes (p.30).

Socialização da Mulher no Esporte

O processo de socialização que, como constatamos, começa muito cedo, ao determinar os papéis sexuais, inicia a caracterização do relacionamento que a mulher irá desempenhar numa atividade marcadamente como é o esporte.

Existem poucos estudos sobre a mulher no esporte e socialização esportiva da mulher é ainda mais carente de literatura específica.

Buscando as primeiras expressões da prática de atividades físico-esportivas Lewis (1972) encontrou semelhança na discriminação sexual - ou diferencial sexual - no comportamento frente ao brinquedo, das crianças a partir de um ano. Ele sugere que o jogo apropriado para cada sexo tende a ser apresentado desde essa idade.

Sutton Smith, Rosenberg e Morgan (1963) registraram diferenças significativas entre brincadeiras masculinas e femininas de crianças. Encontraram, também, que os jogos e esportes são associados positivamente e papéis masculinos e negativamen-

te associados a papéis femininos. Mesmo nesse aspecto da socialização podemos encontrar uma certa evolução que tem acompanhado as conquistas das mulheres na sociedade.

Sutton Smith e Rosenberg (1961) encontraram uma crescente tendência à similaridade de brinquedos de meninos e meninas nos últimos sessenta anos, o que também foi observado por Brown (1958).

Wolf (1973) relata que muitos resultados de estudos de laboratório indicam que meninos apresentam mais claramente definidos os comportamentos apropriados a seu sexo do que as meninas e que " muitas meninas entre 3 e 10 anos mostram uma forte preferência por jogos, atividades e objetos masculinos, ao passo que não é usual encontrar muitos meninos que preferem atividades femininas ".

Parece prevalecer, portanto, a visão global de que nos jogos e nos esportes as mulheres, em qualquer idade, refletem as normas e comportamentos esperados pela sociedade. (Green-dorfer, 1974).

Com o objetivo de contribuir para a análise do envolvimento da mulher no esporte apresentamos, a seguir, um estudo realizado a partir de uma hipótese sobre o envolvimento dos agentes socializantes.

OBJETIVOS DA PESQUISA

Para o estudo sobre o processo de sociabilização de atletas universitárias, tomou-se uma amostra aleatória entre as participantes de Jogos Universitários Brasileiros, centrando-se a atenção no registro de dados sobre o ambiente e agentes de sociabilização envolvidas no processo de ingresso e permanência das esportistas na esfera de maior exigência de rendimento; o chamado " esporte de alto nível ".

Os aspectos que nortearam a elaboração do trabalho foram os seguintes:

1. Conhecer as circunstâncias que favorecem o ingresso e permanência da mulher universitária no esporte de alto nível.
2. Divulgar dados que possam desencadear o surgimento de estudos sobre o esporte na área social.
3. Fornecer dados para o planejamento da administração dos serviços de Educação Física e Esportes.
4. Contribuir para o esforço de encontrar o lugar do esporte e da atividade física no contexto social.

Os estudos sobre a influência dos agentes sociabilizantes no envolvimento esportivo, como a família (Pudelskiewicz, 1970, 1971; Snýder e Spreitzer, 1973; Malumphy, 1968 e os pares (Kenyon, 1966, geraram a seguinte hipótese:

" Existe preponderância dos pais com relação aos outros agentes sociabilizantes no envolvimento esportivo das atletas universitárias, com ação preponderante na infância"

SUJEITOS E MÉTODO

Para a realização deste estudo contou-se com uma amostra randômica de 120 atletas entre os participantes dos XXXII Jogos Universitários Brasileiros realizados em São Luiz do Maranhão em julho de 1981. Participaram dos referidos Jogos equipes representativas de vinte estados brasileiros.

Na coleta de dados foi utilizado um questionário com respostas no sistema de múltipla escolha, elaborado por Greendorfer (1974) como instrumento de tese de doutoramento na Universidade de Winsconsin (ANEXO I). A utilização do questionário teve expressa autorização da autora e a sua tradução contou com a colaboração da Dra. Ana Maria Pellegrino, da Universidade de São Paulo.

Uma versão preliminar do questionário traduzido foi testada numa prova piloto com as atletas de Handebol da Federação Universitária Paulista de Esportes com a colaboração do técnico da equipe, Prof. Emédio Bonjardim. Algumas questões receberam nova redação e o formato do questionário foi modificado de acordo com os resultados da prova piloto. A diagramação também foi modificada, com a finalidade de facilitar a leitura.

O preenchimento dos questionários foi feito durante a realização dos Jogos, nas salas da Universidade Federal do Maranhão, onde foram instalados os alojamentos. Alguns técnicos acompanharam suas atletas no preenchimento, mas a maioria dos questionários foi preenchida individualmente, nos alojamentos.

O Instrumento

O questionário Greendorfer foi construído com base em quatro classes de variáveis:

1. Atributos pessoais
2. Agentes sociabilizantes

3. Situações socializantes

4. Envolvimento esportivo

A seção A corresponde ao envolvimento ativo e contém de 10 a 29 itens, dependendo do estágio da vida.

A seção B tem seis itens referentes a situações de socialização.

A seção C contém 14 itens relevantes com relação aos agentes de socialização.

Além destas seções existem cinco questões sobre o envolvimento inicial em esportes e sete outras sobre informações básicas - posição ordinal entre irmãos; grupo étnico, religião grau de escolarização e tipo de trabalho do pai.

O estabelecimento dos limites entre as três fases da vida prendeu-se mais à necessidade de rastrear as influências em função dos períodos escolares, principalmente porque no Brasil, as atividades de Educação Física e Esportes, de maneira geral, são ministradas a partir da quinta série do primeiro grau. Assim chamou-se infância até a quarta série do primeiro grau e adolescência até o ingresso na universidade. O termo adolescência pretendeu facilitar a lembrança das respondentes. Acreditou-se ser mais fácil a lembrança "adolescência", do que se fosse evocada "a segunda metade do primeiro grau e o segundo grau".

A análise dos dados teve as seguintes orientações:

1. Onde e como os sujeitos adquiriram disposições, interesse e primeiras experiências em atividades esportivas;
2. Como eram seus padrões de prática;
3. Quem influenciou significativamente a sua participação esportiva;
4. Quais as circunstâncias ambientais existentes durante o processo de socialização esportiva;
5. Testes de hipótese: " Os pais são os principais agentes de socialização esportiva, com ação significativa na infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A composição da amostra evidenciou uma concentração das atletas - mais de 50% - na faixa etária entre os 18 e 22 anos não mostrando evidencia de predominância de tempo de universidade. Mas de dez por cento das universitárias atletas estavam ainda numa faixa etária que permitia a participação em competições de divisões menores - infanto juvenil e juvenil - em suas modalidades esportivas. (TABELA 6)

Houve a predominância de atletas praticantes de esportes coletivos (TABELA 7 e 8) representando, possivelmente, o número de praticantes do desporto universitário. Não existem dados disponíveis para tal comparação, já que não há um censo ou estimativas a respeito e, os documentos do desporto universitário brasileiro foram destruídos durante a invasão da UNE em 1964, não tendo havido um esforço de recuperação ou mesmo do registro organizado de informações a partir daí.

O nível de escolarização dos pais mostrou-se além das expectativas, com mais de 50% dos pais com o segundo grau completo (TABELA 9). As questões sobre o tipo de ocupação dos pais não ofereceram resultado consistentes, com definições vagas como "funcionário público" ou "trabalha na fábrica". O tipo de ocupação e a escolarização poderiam fornecer um perfil melhor delineado dos pais das atletas. Poder-se-ia aprofundar os estudos nessa direção com o levantamento da escolarização dos pais de universitárias não atletas e testar a hipótese de que pais com nível de instrução facilitam, ou têm condições de facilitar, a prática esportiva de suas filhas.

Um inventário das brincadeiras infantis de crianças brasileiras que levasse em conta as atividades físicas - a exemplo do trabalho realizado por Sutton-Smith e Rosenberg (1961) nos Estados Unidos - poderá esclarecer a que se deve o primeiro envolvimento esportivo ter-se realizado através de

esportes coletivos. (TABELA 10). Os serviços educacionais oferecem esportes coletivos ou as brincadeiras das crianças têm essas características ?

A ausência da Educação Física no período pré escolar pode ser a causa do primeiro envolvimento esportivo ter se efetivado após os seis anos. Ressalte-se que foram oferecidas aos sujeitos, alternativas de prática de atividades físicas características das brincadeiras infantis, que representariam o primeiro envolvimento. Mesmo assim o envolvimento foi registrado como sendo realizado na idade escolar (TABELA 11). Tais dados vêm ao encontro das assertivas de Harris (1976) que registra atividades passivas para as meninas na idade pré escolar, além da forte pressão dos agentes de socialização para que as meninas assumam uma atitude mais delicada e não se envolvam em brincadeiras "masculinas" - que são constituídas primordialmente de atividades físicas.

Os resultados das questões sobre a auto-avaliação comparando o grau de participação, envolvimento e habilidade esportivos com outras mulheres em cada fase da vida. (TABELAS 12, 13 e 14) demonstraram evolução, nas três questões, no decorrer das fases:

Analisando-se separadamente os itens " muito acima da média " e " acima da média " verifica-se que a mudança mais significativa foi da infância para a adolescência; o envolvimento e a participação foram os que mais aumentaram (26,7 para 65,8% e 20,9 para 68,4%).

A partir destes dados pode-se sugerir que a adolescência foi o período marcante para o engajamento esportivo, embora as atletas tivessem uma habilidade superior desde a infância.

Com a passagem da adolescência os resultados indicam que a prática de esportes passa do fim do fim para durante a semana (TABELAS 15 e 16). A porcentagem de atletas que não pratica esportes nos fins de semana, os que não responderam, aumentou de 28,3 para 39,2% .

O tempo dedicado a prática de esportes diminuiu "atualmente" com relação a adolescência considerando-se a carga de 03 horas ou mais por semana (TABELA 16).

De acordo com os resultados pode-se sugerir que embora a mulher permaneça no esporte de alto nível ela passa a dedicar menos tempo a essa prática, quando poderia ter aumentado o tempo de treinamento, se for considerado o aumento da habilidade e provavelmente o nível de exigência atlética - identificado na TABELA 14.

Na mesma tabela verifica-se que a porcentagem das atletas que se considera " muito acima da média " embora tenha tido uma evolução desde a infância (6,7 - 20,0 - 31,6) parece não indicar claramente a elite que constitui as participantes da fase final dos Jogos Universitários. Pode-se sugerir duas possibilidades para esse resultado : 1) As respondentes formam um grupo muito heterogêneo, com representantes de estados com menor expressão esportiva, ou mesmo de esportes com maior número de praticantes, que resulta num processo seletivo menos intenso, e 2) As universitárias responderam a partir de uma comparação com outras atletas, o que não deixa margem para uma posição muito destacada.

A identificação dos agentes responsáveis pelo primeiro envolvimento esportivo (TABELA 17) indica, claramente, a escola (46,7%) e depois a família (20%) o que não coincide com os resultados obtidos por Lewko e Grendorfer (1977), que atribuem essa influência aos pais.

Não existem publicações, no Brasil, referentes à influência da concepção religiosa na prática de atividades físicas e esportivas. A TABELA 18 registra a concepção religiosa das atletas estudadas. Alguma comparação entre tipo e qualidade da prática esportiva com a concepção religiosa necessitaria de um melhor suporte com relação ao grau de envolvimento das atletas e a características mais marcantes adotadas por suas religiões.

A participação e o envolvimento foram caracterizados a partir da adolescência.

O número de irmãos e irmãs e a posição ordinal entre eles (TABELA 19 e 20) das atletas deste estudo não confirmaram os resultados obtidos por Shell e Silber (1968) e Biguer (1972), que encontraram a presença significativa de irmãos com relação a irmãs, principalmente irmãos mais velhos, em atletas de alto nível.

Reiterando os resultados das TABELAS 12, 13 e 14, a intensidade da prática esportiva foi registrada na adolescência (55,8% de 2 a 3 esportes). A porcentagem da amostra que passou a se dedicar a apenas 1 esporte na idade adulta foi de 18,4%. Mesmo assim, 44,1% das respondentes continuaram a praticar 2 ou 3 esportes, contra 36,7 dedicadas a apenas 1. (TABELA 21).

Era de se esperar a concentração das atletas em cidades grandes atualmente (TABELA 22) já que as escolas de terceiro grau estão em sua maioria localizadas em cidades desse porte.

Pode-se sugerir que os dados vão de encontro das características descritas por Jokl (1964) que situam o esporte como um fenômeno essencialmente urbano, ou um benefício que atende essencialmente as populações de áreas urbanas.

Há o registro de um mercado êxodo rural 16,7% na infância 4,9% na adolescência e 4,1% atualmente são as porcentagens encontradas em locais de até 10 mil habitantes.

Constatou-se, também diminuição do número de atletas nas cidades de até 100 mil habitantes (24,2%; 20,9%; 13,3%) em favor das cidades grandes (52,5%; 65,9%, 73,4%) TABELA 26).

Para o teste da hipótese foram escolhidos os itens:

- C₁ Quanto as pessoas estavam envolvidas em esportes
- C₂ Quanto as pessoas eram interessadas em esportes
- C₃ Quanto elas lhe encorajavam à prática de esportes
- C₅ Quanto elas lhe desencorajavam à prática de esportes.

À C₁ e C₂ foram oferecidos escores de 0 a 5:

- 0 não sei
- 1 nunca
- 2 1 ou duas vezes por ano
- 3 1 ou duas vezes por mês
- 4 1 ou 2 vezes por semana
- 5 diariamente

À C₃ e C₅ foram oferecidos escores de 1 a 4

- 1 nunca
- 2 ocasionalmente
- 3 frequentemente
- 4 sempre

Além das duas questões diretas de encorajamento/desencorajamento (C₃ e C₅) as outras duas (C₁ e C₂) foram incluídas em função das conclusões de Malúmpy (1970) e Whol e Pudelskiewicz (1972) que atribuíram um papel importante na socialização da mulher no esporte, o e envolvimento esportivo dos agentes socializantes.

Nas quatro questões foram registrados escores para os agentes (8 em C₁ e 11 em C₂ , C₃ e C₅) em cada fase da vida.

As questões apresentaram as médias constantes nas TABELAS 23, 24, 25 e 26.

Dados completos - número, média, desvio padrão, soma dos quadrados e soma das médias - podem ser encontrados nas TABELAS 31, 32, 33 e 34, no ANEXO II.

Resultados do teste de hipótese:

Com relação a C₁ - envolvimento esportivo dos agentes a análise de variância demonstrou não haver diferença significativa entre as médias das fases (infância, adolescência e atualmente), e os agentes (pai, mãe, irmão mais velho, irmão mais novo, irmã mais velha, irmã mais nova, amigos e amigas- TABELA 23.

A respeito de C₂ - quanto os agentes eram interessados em esportes - a análise de variância demonstrou não haver diferença significativa entre as médias dos agentes. Os agentes foram considerados mais interessados em esporte atualmente do que nas outras duas fases. Numa comparação entre estas duas fases- infância e adolescência - os agentes foram considerados mais interessados em esporte durante a adolescência das atletas.

(TABELA 24).

O encorajamento à prática de esportes - C₃ - não teve demonstrada através da análise de variância, diferença significativa entre a média dos agentes, havendo diferença significativa entre a média das fases. As respondentes indicaram ter havido um maior encorajamento à prática de esportes na adolescência do que atualmente ou na infância. (TABELA 25).

A análise de variância demonstrou não haver diferença significativa entre as médias dos agentes ou das fases na questão C₅ - quanto as pessoas desencorajaram à prática esportiva (TABELA 26).

Assim, os resultados rejeitam a hipótese dos pais serem os agentes de socialização mais importantes para a prática esportiva das atletas estudadas.

TABELA VI
Número e Porcentagem da Amostra
por Idade

IDADE	NÚMERO	PORCENTAGEM
15	1	0,8
17	3	2,5
18	10	8,3
19	17	14,2
20	12	10,0
21	13	10,8
22	10	8,3
23	9	7,5
24	9	7,5
25	8	6,7
26	9	7,5
27	5	4,2
28	5	4,2
29	6	5,0
30	1	0,8
31	2	1,7
TOTAL	120	100

TABELA VII

Número e Porcentagem das Respondentes Lis-
tados por Esportes

ESPORTES	NÚMERO	PORCENTAGEM
Basquetebol	24	20,0
Voleibol	38	31,7
Handebol	23	19,2
Natação	6	5,0
Ginástica	1	0,8
Ginástica Rítmica	1	0,8
Atletismo	18	15,0
Tênis de Mesa	5	4,2
Tênis	3	2,5
NR	1	0,8
TOTAL	120	100

TABELA VIII

Número e Porcentagem da Amostra por
Tipo de Esporte

TIPO DE ESPORTE	NÚMERO	PORCENTAGEM
Individual	34	28,3
Coletivo	85	70,9
NR	1	0,8
TOTAL	120	100

TABELA IX

Número e Porcentagem da Amostra com Relação ao
Nível de Escolaridade do Pai

ESCOLARIDADE	NÚMERO	PORCENTAGEM
Universitário	32	26,7
Colegial Completo	22	18,3
Colegial Parcial	-	-
Ginasial Completo	13	10,9
Ginasial Parcial	12	10,0
Grupo Escolar	31	25,8
Menos que o Primário	4	3,3
NR	6	5,0
TOTAL	120	100

TABELA X

Número e Porcentagem da Amostra de Acordo com o
Primeiro Tipo de Esporte
Infância

TIPO DO ESPORTE	NÚMERO	PORCENTAGEM
Coletivo	73	60,9
Individual	36	30,0
Outro	1	0,8
NR	10	8,3
TOTAL	120	100

TABELA XI

Idade do Primeiro Envolvimento
EsportivoUNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
BIBLIOTECA

IDADE	NÚMERO	PORCENTAGEM
Antes da Escola Primária (1 a 5 anos)	29	24,2
Entre a Primeira e Quarta Séries	81	67,5
NR	10	8,3
TOTAL	120	100

TABELA XII

Auto-Avaliação do Grau de Envolvimento Esportivo Comparado com
Outras Mulheres em Cada Fase da Vida

AVALIAÇÃO	INFÂNCIA		ADOLESCÊNCIA		ATUALMENTE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Muito Acima da Média	9	7,5	32	26,7	36	30,0
Acima da Média	23	19,2	47	39,1	43	35,9
Abaixo da Média	38	31,7	30	25,0	30	25,0
Na Média	25	20,8	5	4,2	4	3,3
Muito Abaixo da Média	13	10,8	1	0,8	-	-
NR	12	10,0	5	4,2	7	5,8
TOTAL	120	100	120	100	120	100

TABELA XIII

Auto-Avaliação da Participação Comparada com
Outras Mulheres em Cada Fase da Vida

Avaliação	Infância		Adolescência		Atualmente	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Muito Acima da Média	6	5,0	31	25,9	41	34,2
Acima da Média	19	15,9	51	42,5	45	37,5
Abaixo da Média	25	20,8	3	2,5	6	5,0
Na Média	38	31,6	24	20,0	18	15,0
Muito Abaixo da Média	17	14,2	1	0,8	1	0,8
NR	15	12,5	10	8,3	9	7,5
Total	120	100	120	100	120	100

TABELA XIV

Auto-Avaliação da Habilidade Comparada Com
Outras Mulheres em Cada Fase da Vida

Avaliação	Infância		Adolescência		Atualmente	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Muito Acima da Média	8	6,7	24	20,0	38	31,6
Acima da Média	30	25,0	51	42,5	48	40,0
Abaixo da Média	39	32,5	30	25,0	23	19,2
Na Média	19	15,8	5	4,2	7	5,8
Muito Abaixo da Média	10	8,3	-	-	-	-
NR	14	11,7	10	8,3	4	3,4
Total	120	100	120	100	120	100

TABELA XV

Horas das Respondentes Aplicadas em Atividades
Esportivas nos Fins de Semana
Adolescência e Atualmente

Horas	Adolescência		Atualmente	
	Nº	%	Nº	%
Uma ou Menos	35	29,2	28	23,3
Duas	30	25,0	27	22,5
Três ou Mais	21	17,5	18	15,0
NR	34	28,3	47	39,2
Total	120	100	120	100

TABELA XVI

Horas das Respondentes Aplicadas em Atividades
Esportivas Durante a Semana
Adolescência e Atualmente

Horas	Adolescência		Atualmente	
	Nº	%	Nº	%
Uma ou menos	12	10,0	13	10,9
Duas	47	39,2	58	48,2
Três ou Mais	56	46,7	42	35,0
NR	5	4,1	7	5,9
Total	120	100	120	100

TABELA XVII

Agentes Socializantes Responsáveis pelo Primeiro
Envolvimento Esportivo
Infância

Agente	Número	Porcentagem
Família	24	20,0
Vizinhos	12	10,0
Escola	56	46,7
Clube	5	4,2
Programa Especial	1	0,8
Não Houve Interesse até essa idade	11	9,2
Outro (Rec.Médica)	1	0,8
NR	10	8,3
Total	120	100

TABELA XVIII

Número e Porcentagem da Amostra de Acordo
Com a Concepção Religiosa

Religião	Número	Porcentagem
Católica	103	85,9
Protestante	10	8,3
Espirita	1	0,8
Judáica	1	0,8
Budista	1	0,8
Nenhuma	2	1,7
NR	2	1,7
Total	120	100

TABELA XIX

Número e Porcentagem de Irmãos
E Irmãs

Quantidade	Irmãs		Irmãos	
	Nº	%	Nº	%
0	21	17,5	29	24,2
1	32	26,7	36	30,0
2	32	26,7	23	19,2
3	20	16,7	18	15,0
4	8	6,7	5	4,1
5	4	3,3	3	2,5
6	1	0,8	3	2,5
7	1	0,8	2	1,7
8	1	0,8	1	0,8
Total	120	100	120	100

Posição na Família com Relação às
Irmãs e Irmãos

Posição	Número		Porcentagem	
Mais Velha que as Irmãs	22		18,3	
Mais Velha que os Irmãos		37		30,8
Mais Nova que as Irmãs	42		35,0	
Mais Nova que os Irmãos		32		26,7
Intermediária Entre as Irmãs	34		28,3	
Intermediária Entre os Irmãos		24		20,0
Não Tem Irmãs	19		15,8	
Não Tem Irmãos		24		20,0
NR	3	3	2,5	2,5

Outras Características com Relação a Irmãs e Irmãos

Posição	Número		Porcentagem	
Mais Velha de Todos	11		9,2	
Mais Nova de Todos	17		14,2	
Filha Única	2		1,7	

Número de Esportes em que as Respondentes
Participaram em Cada Fase da
Vida

Nº de Esportes	Infância		Adolescência		Atualmente	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Um	18	15,0	22	18,3	44	36,7
Dois/Três	58	48,3	67	55,8	53	44,1
Quatro/Cinco	17	14,2	18	15,0	18	15,0
Seis ou Mais	15	12,5	5	4,2	3	2,5
NR	12	10,0	8	6,7	2	1,7

Número e Porcentagem da Amostra de acordo com
 o Tamanho da Cidade das Atletas nas Três
 Fases da Vida

Tamanho da Cidade	Infância		Adolescência		Atualmente	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Fazenda	6	5,0	1	0,8	1	0,8
Interior sem ser Fazenda	5	4,2	1	0,8	1	0,8
Cidade Pequena (2.500 a 10.000 Hb)	9	7,5	4	3,3	3	2,5
Cidade Média (10.000 a 100.000 Hb)	29	24,2	25	20,9	16	13,3
Cidade Grande (Mais de 100.000 Hb)	63	52,5	79	65,9	88	73,4
Outro	1	0,8	1	0,8	2	1,7
NR	7	5,8	9	7,5	9	7,5
Total	120	100	120	100	120	100

Média do Grau de Envolvimento Esportivo Dos
Agentes Socializantes nas Três
Fases da Vida

Fase \ Agente								
	Pai	Mãe	Irmã + Velha	Irmã + Nova	Irmão + Velho	Irmão + Novo	Amigos	Amigas
Atualmente	1,92	1,85	2,31	3,11	2,37	3,19	4,08	4,13
Adolescência	2,77	2,15	2,98	3,06	2,82	3,11	3,92	4,04
Infância	2,32	1,94	2,61	2,36	2,58	2,72	3,43	2,11

TABELA XXIV
Média do Grau de Interesse em Esportes Dos
Agentes Socializantes nas Três
Fases da Vida

Fase \ Agente											
	Pai	Mãe	Irmã + Velha	Irmã + Nova	Irmão + Velho	Irmão + Novo	Amigos	Amigas	Outros Prof.	Outros Prof.	Outras Pessoas
Atualmente	3,29	3,19	3,07	3,3	3,28	3,28	4,14	4,19	4,45	3,25	3,50
Adolescência	3,29	3,20	3,18	2,98	3,28	3,03	3,92	3,86	4,09	3,03	2,48
Infância	2,80	2,20	2,52	2,15	2,87	2,18	3,05	2,88	2,10	2,24	2,16

Méda do Grau de Encorajamento Para a Prática
De Esportes nas Três Fases da
Vida

Fase \ Agente	Pai	Mãe	Irmã + Velha	Irmã + Nova	Irmão + Velho	Irmão + Novo	Amigos	Amigas	Prof.	Outros prof.	Outros Pessoas
Atualmente	2,55	2,65	4,27	2,40	2,27	2,12	3,14	3,23	3,60	2,39	2,78
Adolescência	2,03	2,04	2,28	1,82	2,06	1,85	2,32	2,38	2,52	1,96	2,07
Infância	1,65	2,55	2,58	2,13	2,41	2,20	2,98	3,01	3,46	2,50	2,55

TABELA .XXVI

Média do Grau de Desencorajamento Para a Prática
De Esportes nas Três Fases da Vida

Fase \ Agente	Pai	Mãe	Irmã + Velha	Irmã + Nova	Irmão + Velho	Irmão + Novo	Amigos	Amigas	Prof.	Outros Prof.	Outros Pessoas
Atualmente	1.44	1,50	1,21	1,13	1,17	1,05	1,17	1,21	1,09	1,25	1,36
Adolescência	1,34	1.41	1,13	1,11	1,05	1,03	1,17	1,20	1,13	1,21	1,28
Infância	1,09	1,33	1,08	1,06	1,0	1,0	1,04	1,04	1,08	1,20	1,20

TABELA XXVII
Análise de Variância do Grau de Envolvimento
Esportivos dos Agentes Socializantes
nas Três Fases da Vida

Fontes de Variação	Graus de Liberdade	Soma dos Quadrados	Média de SQ	F Observado
Agentes	7	7.736	1.105	2.214 n.s.
Fases	2	1.196	0.598	1.198 n.s.
Interação	17	2.652	0.156	0.313 n.s.
Resíduo	23	11.584	0.499	

TABELA XXVIII
Análise de Variância do Grau de Interesse
Esportivo dos Agentes de Socialização
nas Três Fases da Vida

Fontes de Variação	Graus de Liberdade	Soma dos Quadrados	Média da SQ	F Observado
Agentes	10	3.809	0.380	0.563 n.s.
Fases	2	6.425	3.212	4.758 (*)
Interação	20	1.764	0.088	0.130 n.s.
Resíduo	32	11.998	0.675	

(*) $p < 0.05$

TABELA XXIX

Análise de Variância do Grau de Encorajamento
para a Prática de Esportes nas Três
Fases da Vida

Fontes de Variação	Graus de Liberdade	Soma dos Quadrados	Média da SQ	F Observado
Agentes	10	4.953	0.495	1.867 n.s.
Fases	2	2.987	1.493	5.634 (*)
Interação	20	2,109	0.105	0.396 n.s.
Resíduo	32	10.049	0.265	

(*) $p < 0.05$

TABELA XXX

Análise de Variância do Grau de Desencorajamento
para a Prática de Esportes nas Três
Fases da Vida

Fontes de Variação	Graus de Liberdade	Soma dos Quadrados	Média da SQ	F Observado
Agentes	10	3.905	0.039	0.212 n.s.
Fases	2	0.103	0.515	0.280 n.s.
Interação	20	0.051	0.099	0.542 n.s.
Resíduo	32	0.545	0.184	

CONCLUSÕES

O primeiro envolvimento esportivo deu-se na infância, através de atividades coletivas e sob a influência da escola, contrariando as expectativas de influência familiar.

A influência dos agentes socializantes - pais, irmãos, amigos, professores - não indicou qualquer agente em particular tendo os agentes, de maneira geral, influenciado a prática esportiva durante as três fases.

A presença de irmãos, notadamente do ~~sexo~~ masculino, não foi predominante, nem houve evidência na posição ordinal entre os irmãos.

BIBLIOGRAFIA

- AFERLE, D.F. & NAEGELE, K. Middle-class fathers' occupational role and attitudes toward children. American Journal of Orthopsychiatry, (22):366-378, abr. 1952.
- ALLRIGHT, T.E. Which sport for girls?. DGWS Research Reports: Women in Sports. Washington, AAHPER, 1971.
- APENO, W. Considerações médico-desportivas sobre atletismo feminino. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física. RJ (49):24-29, 1945.
- AL NO, W. Fundamentos biológicos do atletismo feminino. Arquivo da Escola Nacional de Educação Física. RJ (16-20):55-70, 1961-65.
- ASTRAND, P.A. & RODSBAL, K. Test book of work physiology. New York, Mc Graw-Hill Book Company, 1978.
- BANDURA, A. & WALTERS, R. Social learning and personality development. New York, Hold, Rinehart and Winston, Inc., 1963.
- BARRY, H. et alli. A cross-cultural survey of some sex differences in socialization. Journal of Abnormal Social Psychology, (55):327-332, 1980.
- BERLIN, P. The women athlete. In: GERBER, E. et alli, org, The american Women in sport, Mass., Addison Wesley, 1974, p. 233-400.
- BENER, J.J. Sibling influence on sex-role preference of young children. Journal of Genetic Psychology, 121(2):271-282, 1972.
- BINNEL, S. The influence of selected family factors no choice of sport mode among college women. In: GERBER, E. et alli, org. American women in sport, Mass., Adyson Weslwy, 1974.
- IRD, E. Personality structure of canadian intercollegiate women ice hockey players. In: KENYON, G., org. Contemporary psychology of sport. Chigago, Athletic Institute, 1970. p.

- BOVET, M.A. Les motivations des sportifs. Paris, Editions Universitaires, 1969.
- BRIM, O.G.Jr. Family structure and sex role learning by children
A further analysis of Helen Koch's data. Sociometry, (21):
1-15, 1958.
- BRIM, O.G.Jr. Socialization through the life cycle. In: BRIM,
O.G. & WHEELER, S., org. Socialization after childhood: Two
Essays New York; John Wiley and Sons, Inc., 1966.
- BROWN, D. Sex-role development in a changing culture. Psychological Bulletin, (55):232-242, 1958.
- BRUSCHIN, M.C.A. & ROSEMBERG, F. A mulher e o trabalho. In:
Trabalhadoras do Brasil. São Paulo, Fundação Carlos Chagas,
Brasileirise, 1982.
- BUTT, D.S. Agression, neuroticism and competence: theoretical
models for the study of sports motivation. In: THE THIRD
PSYCHO-MOTOR SKILLS and SPORT PSYCHOLOGY SYMPOSIUM,
University of British Columbia, Vancouver, Canada, 1961.
- CAGIGAL, J.M. Filosofia del deporte femenino. In: CONGRESO
MUNDIAL DEL DEPORTE FEMENINO. Roma, jul, 1980.
- CASTELLANI FILHO, L. Ensaio sobre a mulher brasileira face a legislação da educação física e do desporto. Desportos e Lazer,
São Luís- MA (8):8-21, dez. 1982.
- CHAFE, W.H. The american woman. Her changing social, economic
and political roles, 1920-1970. New York, Oxford University
Press, 1972.
- CLAUSEN, J.A. Socialization as a concept and as a field of study.
In: Clausen, J.A., org., Socialization and Society, Boston,
Little, Brown and Co., 1968. pp. 2-17.
- COGAN, C.M. Motives for participation in physical education.
In: ANNUAL MEETING OF THE NATIONAL COLLEGE PHYSICAL EDUCATION
ASSOCIATION FOR MEN. Huston, Texas, 1968.
- COMITE OLÍMPICO BRASILEIRO. A participação Brasileira nas Olimpíadas. RJ, COB, 1980.
- COUTSS, C.A. Freedom in sport. Quest. (10):68-71, mai, 1968.

- CRATTY, B.J. Social dimensions of physical activity. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall Inc., 1967.
- D'ANDRADE, R. Sex Differences and cultural institutions. In: MACCOBY, E.E., org. The development of sex differences. Stanford, California, Stanford University Press, 1966. p. 174-203.
- DALTON, K. Effect of menstruation on schoolgirls' Weekly Work. British Medical Journal, (1):326-328, 1960.
- DAYRIES, J.L. & GRIMM, R.L. Personality traits os women athletes as measured by the Edwards Personal Preference Schedule. Perceptual and Motor Skills, (30):229-230, fev. 1970.
- DIEM, L. Sports women in today's world: aspects and problems. 1976 WORKSHOP OF THE NATIONAL ASSOCIATION OF PHYSICAL EDUCATION OF COLLEGE WOMEN (NAPECW). California, jun. 1976.
- DORNBUSH, S. Afterword. In: MACCOBY, E.E., org The development of sex differences, Stanford, California, Stanford University Press, 1966
- DUNTZER, B. & HELLENDALL. Muchener medizenesche wocheenschrift. 1929.
- ERDELYI, G.J.. Gynecological survey of female athletes. Journal of Sports Medicine and Physical Fitness, (2-3):174-179, 1962.
- ESTEVES, J. O desporto e as estruturas sociais. 39 ed. Lisboa, Prelo Editora, 1975
- FELSHIN, J. The Dialectic os woman in sport. In: GERBER, E. et alli, org. The american women in sport, Mass., Addyson Wesley 1974, p. 179-210.
- FLEMMING, E.G. Personality and the athletic girl. School and Society, (39):166-169, fev., 1934.
- FÖLDES, E. Women at the Olympics. In: REPORT OF THE FOURTH SUMMER SESSION OF THE INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY, Olympia, Grécia, 1974.

- FOREMAN, K. What research says about the female athlete. In Gerber, J. et alli, org, The american women in sport, Mass., Addison Wesley, 1974, p. 265
- FRASCINO, J. Desporto ou esporte. São Paulo, mimeog. 1977.
- GERBER, E. Chronicle of participation. In GERBER, E. et alli, org, The american women in sport, Mass. Madyson Wesley, 1974 p. 3- 134.
- GOLDBERG, S & LEWIS, M. Play behavior in the year-ond infant: early sex differences. Child Development, (40):21-31, 1969.
- GREENDORFER, S. The nature os female socialization into sport: a study of selected college women's sport participation. Madison The University of Winsconsin, 1974. Tese de Doutoramento.
- GREENDORFER, S. Role of socializing agents in female sport D involvement. Research Quarterly, USA, 48(2):304-309, maio 1977
- HARRIS, D. Por que praticamos deporte?. Barcelona, Editorial Jims, 1976.
- HARTLY, R. Sex role pressure and the socialization of the male child. Psychological Reports, (5):457-468, 1959.
- HELANKO, R. Sports and socialization. Acta Sociologica, (8): 229-241, abr., 1960.
- HELANKO, R. The yard community and its play activities. Interna-tional Review os Sport Sociology, (4):177-187, 1969.
- IBRAHIM, H. Comparison of temperament traits among intercollegiate athletes and physical education majors. Research Quarterly, (38):615-622, dez. 1967.
- INKELES, A. Society, social structure and child socialization. In: CLAUSEN, J.A., org, Socialization and Society, Boston, Little Brown and Co., 1968. .p. 75-129.
- JOHNSON, P.A. A comparison of personality traits of superior skilled women athletes in basketball, Bowling, Field Hockey and golf. Research Quarterly, (43):409-415, dez. 1972.

JOKL, E. Olympic Competition for Women. In: Medical sociology and cultural anthropology of sport and physical education.

Springfield, Ill, Charles C Thomas, 1964.

JOURNAL OF HEALTH, PHYSICAL EDUCATION, RECREATION AND DANCE.

AAHPERD v. 54, n. 2, fev. 1983.

KAGAN, J. & MOSS H.A. Birth to Maturity. New York, John Wiley and Sons, Inc., 1962.

KAGAN, J. & LEWIS, M. Studies of attention in the human infant.

Merrill-Palmer Quarterly, (11):95-127, 1965.

KENYON, G.S. The significance of physical activity as a function of age, sex and socio-economic status of northern U.S. adults.

International Review of Sport Sociology, (1):41-58, 1966

KENYON, G.S. Fact and fancy: sociological considerations. Journal of Health, Physical Education and Recreation, (39):31-33, nov/ /dez. 1968.

KENYON, G.S. Sport Involvement: A conceptual go and some consequences thereof. In: KENYON, G.S. org, Aspects of contemporary sport sociology. 1968. p. 77-84

KENYON, G.S. The use of path analysis in sport sociology with special reference to involvement socialization. International Review of Sport Sociology. (5):191-203, 1970

KOHLBERG, L. A cognitive-developmental analysis of children's concepts and attitudes. In: MACCOBY, E.E. org. The development of sex differences. Stanford, Calif, Stanford University Press, 1966. p. 82-173

KUHN, M. The reference group reconsidered. Sociological Quarterly. (5): 5-24, 1964

LANDERS, D. Psychological femininity and the prospective physical educator. Research Quarterly, (41):164-170, mai. 1970.

BIBLIOTECA EDUCACIONAL

- LANDERS, D. & LUSCHEN, G. Report: sibling sex-status and ordinal position effects on the sport participation of females. In: KENYON, S.G., org. Contemporary Psychology of sport. Chicago, Ill, Athletic Institute, 1970.
- LENK, M. Braçadas e Abraços. RJ, Ed. Grupo Atlântica-Boa Vista, 1982.
- LENK, M. Mulher no Esporte. In: X SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, São Caetano do Sul -SP, 1982
- LEWIS, M. Sex differences in play behavior of the very young. Journal of Health, Physical Education and Recreation, (43): 28-39, jun. 1972
- LEWKO, J.H. & GREENDORFER, S.L. Family influences and sex differences in children's socialization into sport: a review. Champaign, Ill, mimeog. 1977.
- LOY, J.W.Jr. The nature of sport: a definitional effort. Quest, (10): 1-5, mai. 1968.
- LYRA FILHO, J. Sociologia dos desportos. RJ, Bloch, 1965
- MACCOBY, E.E. & JACKLIN, C.N. Psychology of sex differences. Palo Alto, Cal, Stanford University Press, 1974.
- MALUMPHY, T. Personality of women athletes in intercollegiate competition. Research Quarterly, (30):610-620, out. 1968.
- MARINHO, I.P. História da educação física e dos desportos no Brasil. Rio de Janeiro, 1952/55. 4 vol.
- MARIO FILHO. O negro no futebol brasileiro. RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1964.
- MC PHERSON, B.D. Minority group socialization: an alternative explanation for the segregation by playing position hypothesis. In: THIRD INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON THE SOCIOLOGY OF SPORT. Waterloo, Ontario, Canadá, 1971.

MUSHIER, C.L. Personality and selected women athletes: a cross-sectional study. International Journal of Sport Psychology.

(3):25-31, 1972.

PASQUIM. Entrevista com João Saldanha. Rj, 522, mar. 1979

PEREIRA, L.L. & ARAUJO, D.M. A mulher nas fotos de esporte. In:

X SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. São Caetano do Sul - SP 1982

PEREIRA DA COSTA, L. Diagnóstico da educação física e dos desportos do Brasil. Brasília, MEC-Fundação Nacional do Material Escolar, 1971.

PETERSON, S.L. et alli. Personality traits of women in individual sports. Research Quarterly, (38):686-690, dez. 1967

PINI, M.C. A mulher no esporte. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos. Brasília, (10):18-25, 1971

PINI, M.C. A mulher no esporte. In PINI, M.C. Fisiologia Esportiva, RJ, Guanabara Koogan, 1983. p. 204-220.

POERNER, A.J. O poder jovem. RJ, Civilização Brasileira 1979

PUDELKIEWICZ, E. Sociological problems of sports in housing states International Review of Sport Sociology, (5):73-103, 1970.

REVISTA EXAME. Tênis, um mercado que desafia a crise. São Paulo, Editora Abril, (262): 38-46, out. 1982.

ROBERTS, J. & SUTTON-SMITH, B. Child training and involvement. Ethnology (1):166-185, abr. 1962.

ROTHBARD, A. & MACCOBY, E.E. Parent's differential reactions to sons and daughters. Journal of Personality and Social Psychology. (4):237-243, 1966

SAFFIOTI, H.I.B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1976.

SÉRGIO, M. Manifesto para um desporto do futuro. Lisboa, mimeog. 1983.

SHELL, R.E. & SILBER, J. Sex-role discrimination among young children. Perceptual and Motor Skill, (27):379-389, 1968.

- SHERMAN, A. Os esportes em todo o mundo. Rio de Janeiro, Ed. Revista da AABB, 1954, vol 2.
- SNYDER, E. Aspects of socialization in sports and physical education. Quest, (14):1-7, jun. 1970.
- SNYDER, E. & SPREITZER, E. Family influence and involvement in sports. Research Quarterly, (44):249-255, out. 1973.
- SUTTON-SMITH, B. & ROSENBERG, B.G. Sixty years of the historical change in the game preferences of american children. Journal of American Folklore, (74):17-46, 1961.
- SUTTON-SMITH, B. et alli The development of sex differences in play choices during pre-adolescence. Child Development, (34): 119-126, 1963.
- TASCH, R.G. The role of the father in the family. Journal of experimental education, (20):319-361, 1952.
- TOFFLER, A. A terceira onda. Rio de Janeiro, Record, 1980.
- WIDDOP, J. & WIDDOP, V. Comparison of the personality traits of female teacher education and physical education students. Research Quarterly, (43):274-281, out. 1975.
- WILLIAMS, J.M. et alli. Personality traits of champion level female fencers. Research Quarterly, (41):446-453, out. 1970.
- WOLF, José. No cinema o futebol ficou na reserva. Revista de Cultura Vozes, Rio de Janeiro 72 (198):591-602, out. 1978.
- WYRICK, W. Biophysical perspectives. In: GERBER, E. et alli, org. The american woman in sport. Mass. Addison-Wesley, 1974. p. 403-529.
- ZAMBERLAN, M.A.T. Critério de adoção de papéis sexuais em situação de brinquedo. São Paulo, 1981, Tese de Mestrado defendida no Curso de Pós Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo.

00841/96

QUESTIONÁRIO GREENDORFER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
COORDENADORIA DE PESQUISA

ANEXO I

1

Prezada Desportista,

O presente questionário*, apresentado às principais esportistas do Brasil, tem a finalidade de levantar as situações que levam a mulher a praticar esporte de alta competição em nosso país. Ele vai contribuir para a História Esportiva da Mulher Brasileira.

Agradecemos todo o seu empenho em respondê-lo e sabemos que é um esforço considerável que contará muito com a sua memória.

As informações aqui apresentadas serão imediatamente transformadas em número e computadas. O sigilo sobre elas é absoluto pois o resultado será dado de maneira global.

Caso lhe interesse acompanhar/receber o nosso trabalho registre na última página.

Obrigado

Laércio E. Pereira

julho/1980

* A versão original foi gentilmente cedida pela dra. SUSAN GREENDORFER, da Universidade de Illinois.

As perguntas são sobre 3 fases de sua vida: - Infância (Até 12 anos)
- Adolescência até 17/18 anos
- Atualmente

Elas tentam identificar as influências que afetaram o seu interesse pelo esporte. Algumas perguntas são repetidas em cada uma das três fases. Se as alternativas não correspondem a sua situação por favor, utilize a última página para registrar.

Informação Geral:

Nome: Idade: anos

Endereço: Cidade:

Nível Escolar: peso: altura:

I - PARTICIPAÇÃO ATUAL

A1 - De quantas equipes, de vários esportes, você participou este ano na escola ou no clube?

1 2-3 4-5 6 ou mais

A2 - Cite os esportes que você praticou este ano por ordem de importância. Esporte horas por semana

.....
.....
.....

A3 - Você participou de alguma outra atividade esportiva fora da AIE?

Não 1-3 4-6 7 ou mais

A4 - Cite essas outras atividades esportivas por ordem de importância e o tempo de prática por semana. Esporte horas por semana

.....
.....
.....

A5 - De todo o tempo que você dedicou a prática este ano dê a porcentagem de cada (individual: atletismo, ginástica, natação, tênis, futebol, basquete, handebol, vôlei, etc.)

Mais ou menos 25% do tempo Mais ou menos 50% do tempo Mais ou menos 75% do tempo

3

Esportes Coletivos

Esportes Individuais

- A6. No geral, quantas horas você pratica esportes por dia?
1 hora ou menos 2 horas 3 horas ou mais
- segunda a sexta
sábado - domingo
- A7. Se houvesse oportunidade, quantas horas você gostaria de praticar Esporte?
Mais do que agora A mesma coisa menos que agora.....
- A8. Comparando ao seu tempo de colégio como você classificaria sua atual atividade esportiva?
aumentou muito Diminuiu um pouco
aumentou um pouco Diminuiu muito
Continuou a mesma coisa
- A9. Voce aprendeu algum esporte depois de terminado o colégio? Quantos?
Nenhum 1-3 4-6 7 ou mais

POR FAVOR PROCURE LOCALIZAR AS RESPOSTAS EM CADA FASE DA SUA VIDA

- A10. Comparada com as mulheres em geral voce diria que a sua atividade esportiva é:
- | | Atualmente | Na adolescência | até 12 anos |
|-----------------------|------------|-----------------|-------------|
| Muito acima da média | | | |
| Acima da média | | | |
| Abaixo da média | | | |
| Na média | | | |
| Muito abaixo da média | | | |
- A11. Compare a sua habilidade esportiva com as mulheres em geral.
- | | Atualmente | Na adolescência | até 12 anos |
|-----------------------|------------|-----------------|-------------|
| Muito acima da média | | | |
| Acima da média | | | |
| Na média | | | |
| Abaixo da média | | | |
| Muito abaixo da média | | | |

A12- Como você classifica o seu envolvimento (participação) esportivo em cada um dos estágios da sua vida?

	Atualmente	na adolescência	até 12 anos
Muito acima da média
Acima da média
Na média
Abaixo da média
Muito abaixo da média

AGORA VAMOS TRATAR DAS ATUAIS POSSIBILIDADES DE PRÁTICA ESPORTIVA.

B1 - Onde você pratica esporte e quanto do seu tempo de prática é gasto em cada lugar?

	Todo o tempo.	A maior parte do tempo.	Numa
Campus Univers.
Centro da Prefeit.
SESI - SESC
Clube Particular
Outro

AS PRÓXIMAS DUAS QUESTÕES SERÃO A RESPEITO DO LUGAR ONDE VOCÊ COSTUMA PRATICAR ESPORTES MAIS TEMPO. CONFORME A SUA RESPOSTA ANTERIOR.

B2 - Quanto você caminha (ou viaja) até esse local? (marque a melhor resposta)

menos de 1 km 1-2 km 2-5 km Mais de 5 km

B3 - Ainda sobre o lugar onde você mais pratica esporte, quantos outros esportes poderiam ser praticados nesse local?

	Muitos	Alguns	1 ou 2	Nenhum
Coletivos
Individuais

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO / UNESP
CENTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

5

B4 - Na sua opinião quanto de oportunidade os locais abaixo propo-
nam para uma mulher aprender esportes?

	Muito	não muito	pouco	Nenhuma
Campus Univ.
Centro da Pref.
SESI - SESC
Clube Particular
Outro

B5 - Quanto de programas de ESPORTE PARA MULHERES existe?
(marque cada alternativa)

	Muito	não muito	pouco	Nenhuma
Campus Univ.
Centro da Pref.
SESI - SESC
Clube Particular
Outro

B6 - Quanto de sua atividade esportiva é praticada em PROGRAMAS DE
ESPORTE PARA MULHERES em cada local? (marque cada alter-
nativa).

	Muito	não muito	pouco	Nenhuma
Campus Univ.
Centro da Pref.
SESI - SESC
Outro

AS QUESTÕES SEGUINTE SERÃO REFERENTES AS PESSOAS QUE
TIVEREM INFLUÊNCIA NO SEU ENVOLVIMENTO ESPORTIVO. RE-
PONDA CADA QUESTÃO PARA CADA PESSOA EM TODOS OS PE-
TOS.

LEIA TODA PÁGINA ANTES DE COMEÇAR A ESCREVER.

C1 - Quanto estavam envolvidas como praticantes esportivos as seguintes
pessoas.

Dê nota de 1 a 5

0 - Não sei

1 - Nunca

2 - 1 ou 2 vezes por ano

3 - 1 ou duas vezes por mês

4 - 1 ou duas vezes por semana

5 - Diariamente

[illegible]

7

	Profs.de Ed.Fis. ou treinadores	Outros Profs.	Outras Pessoas (Especifique)
Atualmente
Até os 12 anos
Na adolescênc.

**C4 - Quanto as pessoas a influenciaram (positivamente) a praticar espor-
tes? (use o número apropriado para cada pessoa em cada período da
sua vida)**

1 - Não influenciou 3 - Influenciou
2 - Influenciou um pouco 4 - Influenciou muito

	Pai-Mãe	Irmãs + vel.	Irmãs + nov.	Irmãos + vel.	Irmãos + nov.	Amigo	Amiga
Atualmente
Na adolescênc.
Até os 12 anos

	Profs.de Ed.Fis. ou treinadores	Outros Profs.	Outras Pessoas (especifique)
Atualmente
Na adolescênc.
Até os 12 anos

**C5 - Quanto as pessoas desencorajaram você de praticar esportes?
(use o número apropriado para cada período da sua vida)**

	Pai	Mãe	Irmãs + velhas	Irmãs + novas	Irmãos + velhos	Irmãos + novos	Amigas	Amigos
Atualmente
Naadolesc.
Até os 12a.

	Profs.de Ed. Fis. ou treinadores	Outros Profs.	Outras Pessoas (especifique)
Atualmente
Na adolescênc.
Até 12 anos

- C6 - Algumas das pessoas lhe disseram (dizem) que "esporte é pra homem"?
(use o número adequado para cada pessoa em cada período de sua vida)

1 nunca **3** frequentemente
2 algumas vezes **4** sempre

Pai Mãe Irmãs Irmãos Irmãos Amigas Amigos
 + + + + +
 vel. nov. vel. nov.

Atualmente
.....

Na adolesc.
.....

Até os 12 a.

Profs. de Ed. Fís. ou treinadores(as)	Outros Profs.	Outras Pessoas (especifique)
--	---------------	---------------------------------

Atualmente

Na adolesc.

Até os 12a.

- C7 -** Algumas das pessoas lhe disseram (dizem) que "somente alguns esportes são para mulheres"?
- (use o n. adequado para cada pessoa, em cada período da sua vida)

Pai Mãe Irmãs Irmãs Irmãos Irmãos Amigas Amigos
 ↑ ↑
 velh. nov velhos nov.

Atualmente
.....

Na adolesc.

Até os 12s.

Profs. de Ed. Fís. ou treinadores(as)	Outros Profs.	Outras Pessoas (especifique)
--	---------------	---------------------------------

Atualmente

Na adolesc.

Até os 12a.

08. Que pessoas dirigiram programas de esporte nos quais você participou? (use os seguintes números para cada alternativa, em cada período)

0 - não houve programas 2 - muito pouco 4 - a maioria
1 - nenhum 3 - algum

9

	Atualmente	Na adolesc.	Até 12 anos.
Professores ou treinadores
Professoras ou treinadoras
Monitores
Monitoras
Parentes do sexo Masc.
Parentes do sexo Fem.

C9 - Em que período você competiu com rapazes/meninos no mesmo time ou como adversário? (marque a melhor alternativa para cada período)

	Atualmente	Na adolesc.	até 12 anos
A maior parte do tempo
Algum tempo
Raramente
Nunca

C10 - Em que período você PRATICOU esportes com rapazes/meninos no mesmo time ou como adversários? (marque a melhor alternativa para cada período)

	Atualmente	Na adolesc.	Até 12 anos.
A maior parte do tempo
Algum tempo
Raramente
Nunca

C11 - Você procurou seguir o exemplo de alguma atleta conhecida?

	Na Escola Primária	No ginásio ou no colégio	Atualm/e
Nunca
1 - 2
3 - 5
6 - 10
11 ou mais

C12- Ainda com relação a C11, escreva o nome e os esportes dessas atletas

Escola primária	Ginásio ou colégio
.....
.....
.....
Atualmente	
.....	
.....	

C13- Algum atleta do sexo masculino? (responda como C11)

	Na Escola Primária	No Ginário ou Colégio	Atualm/e
Nunca
1 - 2
3 - 5
6 - 10
11 ou mais

C14- Com relação a C13, escreva o nome e o esporte desses atletas.

Escola Primária	Ginásio/Colégio
.....
.....
.....
Atualmente	
.....	
.....	
.....	

II

INICIAÇÃO ESPORTIVA:

Esta parte vai tratar de seus primeiros interesses e experiências em esporte até os 12 anos.

11

A1 - Onde (ou como) você se tornou interessada em praticar esporte?

através da família Num clube
na vizinhança (sua rua) Num programa especial
na escola Outro (especifique)
não teve interesse até esta idade

A2 - Com que idade você começou a PRATICAR esporte (pode ser um jogo infantil, queimada, etc.)

Antes da escola primária (1 a 5 anos)
Entre a primeira e a 4a. séries

A3 - Quantos esportes (referente a A2) você praticava nessa idade?

1 2 - 3 4 5 6 ou mais

A4 - Qual o nome desses esportes?

.....
.....

A5 - Do tempo dedicado a prática esportiva quando criança, quanto por cento você dedicou a esportes coletivos (queimada, voleibol, handebol...) ou individuais (natação, tênis, atletismo, tênis de mesa...)?

+ ou - 25% + ou - 50% + ou 75% todo o tempo
do temp. do temp. do tempo

Esportes coletivos

Esportes individ.

A6 - Em média, quantas horas por dia você dedicava a prática de jogos ou desportos até os 12 anos?

1 hora ou menos 2 horas 3 horas ou mais

Esportes coletivos

Esportes individ.

A7 - Você se lembra de ter aprendido

Um esporte em particular
Um esporte e depois ficou interessada em vários
Vários esportes e depois ficou interessada em um
Vários esportes desde o começo

A8 - Como era basicamente o primeiro esporte que você aprendeu?

Coletivo Individual Outros (especifique)

A9 - Fora da aula de educação física você participou de algum programa de esporte? (Até 12 anos)

Muitas vezes Algumas vezes Raramente Nunca
Nunca houve programa de esporte para meninas

A10- Comparada com brincadeiras sem atividade física (boneca, casinha...) como você qualifica brincadeiras com atividade como pular corda, amarelinha, queimada...?

Muito mais importante Mais importante..... A mesma coisa
Menos importante Muito menos importante

QUESTÕES SOBRE AS OPORTUNIDADES DE PRÁTICA DESPORTIVA NA SUA INFÂNCIA.

B1 - Em geral onde você brincava de esportes e quanto da sua participação era feita EM CADA UM desses locais? (Até 12 anos)

todo o tempo a maior parte algum tempo nada

Pátio da Escola
Na vizinhança
Centros da Pref.
Quintal de sua casa
Outro (especif.)

AS DUAS PRÓXIMAS QUESTÕES SÃO A RESPEITO DO LUGAR ONDE VOCÊ MAIS BRINCAVA/PARTICIPAVA DE ESPORTES NA SUA INFÂNCIA. (ATÉ 12 ANOS)

B2 - A que distância era esse local da sua casa?

Menos de 1 km..... 2km..... 2-3km..... Mais de 3 km

B3 - Quantos outros tipos de atividade esse lugar oferecia? (marque a melhor resposta)

	Muitos	alguns	1 ou 2	menos
coletivos
individuais

13

B4 - Quanto de possibilidade esses locais ofereciam para as meninas praticarem esporte? (lembre-se, na sua infância)

	Muito	um pouco	muito pouco	nada
Centro público
Clube particular
SESI - SESC
Escola
Em casa
Outro (especif.)

B5 - Ainda sobre a sua infância, quais locais mantinham programas de esporte para meninas (campeonatos, escolinhas de esporte, etc..)

	Muito	um pouco	muito pouco	nada
Centro público
Clubes particul.
SESI - SESC
Escola primária
Outro (especif.)

B6 - Durante a sua infância (até 12 anos) quanto da sua participação foi feita em programas de esporte para MENINAS em cada lugar citado?

	Todo tempo	a maior parte do tempo	algum tempo	nada
Centros esportivos
Clubes Particulares
SESI - SESC
Escola
Outro (especif.)

B7 - Durante cada período da sua vida em que tipo de cidade você viveu?

	Infância até 12)	Adolesc.(12-18)	atualm.
Fazenda
Interior, sem ser fazenda
Cidade peq.(2.500 a 10.000 hb)
Cidade méd.(10.000 a 100.000hb)
Cidade grand.(mais de 100.000hb)
Outro (especifique)

UFPA/UFPA/SEB/

PRATICA DE BIBLIOTECA EDUCACAO FISICA

ATIVIDADE ESPORTIVA DA ADOLESCÊNCIA (12 - 18 anos)
AS QUESTÕES SÃO SEMPRE SOBRE A PRÁTICA DE ATIVIDADES ESPORTIVAS.

A1 - Quantos esportes coletivos você praticou na sua adolescência?

1 2-3 4-5 6 ou mais

A2 - Cite esses esportes

A3 - considerando toda a sua participação esportiva durante a adolescência quanto tempo você acredita ter praticado em cada um?

coletivo: handebol, vôleibol, basquetebol, futebol ...

individual: natação, atletismo, tênis, ginástica olímpica ...

+ou- 25% +ou- 50% +ou- 75% Todo o tempo em
que praticou.

Coletivos

Individuais

A4 - Na sua adoles, quanto tempo você dedicou à prática esportiva?

1 hora ou menos 2 horas 3 horas ou mais

Segunda a sexta

Sábado-domingo

A5 - Considerando o seu interesse e participação em esportes comparado com o do tempo da sua adolescência você acha que desde a adolescência

Aumentou bastante Diminuiu um pouco

Aumentou um pouco Diminuiu bastante

É o mesmo

A6 - No seu período de adolescência você aprendeu algum esporte? Quantos?

Nenhum 1-3 4-6 7 ou mais

A7 - Você participou de escolinha de esportes ou campeonatos do ginásio /colégio?

(não vale aula de educação física)

Sempre Algumas vezes Raramente Nunca

Não havia atividade esportiva extra-classe

15

AS PRÓXIMAS QUESTÕES SÃO REFERENTES A SUA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA NA ADOLESCÊNCIA. LEMBRAMOS: PARTICIPAÇÃO ATIVA.

B1 - Em geral onde você praticava esportes e quanto do seu tempo de participação na adolescência foi feita EM CADA LUGAR?

	todo o tempo	a maior parte do tempo	algum tempo	nunca
Pátio da escola
Na vizinhança
Centros esportivos
Clube particular
SESI - SESC
Outro (especifique)

AS QUESTÕES SEGUINTE SÃO SOBRE O LOCAL ONDE VOCÊ MAIS PRATICOU ESPORTE NA ADOLESCÊNCIA.

B2 - Quanto você andava/viajava até esse local?

menos de 1 km 1-2 km 2-3 km Mais de 3km

B3 - Ainda com referência a esse local, quantas outras atividades ele oferecia?

	muitas	algumas	1 ou 2	nenhuma
coletivos
individuais

B4 - Quanto os locais ofereciam de oportunidade para MENINAS aprenderem esporte? (marque cada alternativa).

	muito	alguma	pouca	nada
Centros Esport.Púb.
Clube particular
SESI - SESC
Escola
Quintal de casa
Outro (especifique)

B5 Ainda sobre a sua adolescência, quanto os locais abaixo ofereciam de programas de escolinhas de esporte e campeonatos?

	muita	alguma	pouca	nada
Federações, Centros esportivos, prefeitura	_____	_____	_____	_____
Clubes particulares	_____	_____	_____	_____
SESI - SESC	_____	_____	_____	_____
Escola	_____	_____	_____	_____
Outro (especifique)	_____	_____	_____	_____

B6 - Durante a sua adolescência, quanto do tempo de participação você dedicou a programas de esporte, escolinha e campeonatos em cada lugar?

	todo o tempo	a maior parte do tempo	algum tempo	nada
Centros Esportivos	_____	_____	_____	_____
Clubes Particulares	_____	_____	_____	_____
SESI - SESC	_____	_____	_____	_____
Escola	_____	_____	_____	_____
Outro (especifique)	_____	_____	_____	_____

AS QUESTÕES SÃO AS MAIS IMPORTANTES DO QUESTIONÁRIO.

1 - Quantas irmãs _____, irmãos _____, você tem?

2 - Quantos são mais velhos? irmãos _____, irmãs _____

3 - Com qual grupo étnico você se identifica ou se classifica?

Branco _____ Negro _____ Amarelo _____ Mestiço _____ Outro _____
(especifique)

4 - Em que religião você foi criada?

Católica _____ Protestante _____ Espírita _____ Judaica _____
Nenhuma _____ Outra (especifique) _____

17

5 - Qual o grau de escolaridade do seu pai ou tutor? (marque o maior)

- a) Universitário
- b) Colegial completo
- c) Colegial parcial
- d) Ginásial completo
- e) Ginásial parcial
- f) Grupo escolar (primário)
- g) Menos do que o fímário

6 - Qual é a profissão atual exercida pelo seu pai ou tutor (se aposentado ou não estiver trabalhando especifique a profissão)

7 - Dê uma breve descrição do que ele faz no trabalho (tipo de trabalho).

Por favor apresente algum comentário ou alguma resposta que você acredita que não tenha ficado clara. Se for a respeito do questionário, basta mencionar o número (ex. Adolescência C3, Infância B4, etc.)

ANEXO II

TABELAS COM O NÚMERO, SOMA DAS MÉDIAS, SOMA DOS QUADRADOS
MÉDIA E DESVIO PADRÃO SOBRE O GRAU DE INTERESSE E ENVOLVIMENTo
MENTO EM ESPORTES DOS AGENTES SOCIALIZANTES, E GRAUS DE
ENCORAJAMENTO E DESENCORAJAMENTO À PRÁTICA ESPORTIVA DAS
UNIVERSITÁRIAS ATLETAS, NOS TRÊS FASES DA VIDA.

TABELA 31

Número, soma das médias, soma dos quadrados, média e desvio padrão - grau de envolvimento dos agentes

FASE	AGENTE	N	ΣX	ΣX^2	\bar{X}	S
Atualmente	PAI	100	192	1992	1.92	4.04
	MÃE	101	187	1953	1.85	4.00
	IRMA+VELHA	77	178	2302	2.31	4.98
	IRMÃO+NOVO	72	230	3872	3.19	6.64
	IRMÃ+NOVA	59	184	3244	3.13	6.78
	IRMÃO+NOVO	59	140	1868	2.37	5.14
	AMIGAS	91	376	7732	4.13	8.28
	AMIGOS	104	425	8645	4.08	8.18
Adolescência	PAI	101	320	2984	2.27	4.43
	MÃE	101	218	2678	2.15	4.69
	IRMÃ+VELHA	82	245	3929	2.98	6.28
	IRMÃO+NOVO	69	215	3653	3.11	6.62
	IRMÃ+NOVA	60	184	3220	3.06	6.59
	IRMÃO+VELHO	58	164	1718	2.82	4.69
	AMIGAS	94	380	7424	4.04	7.95
	AMIGOS	99	389	7571	3.92	7.85
Infância	PAI	94	219	2587	2.32	4.72
	MÃE	93	181	1851	1.94	4.03
	IRMÃ+VELHA	76	225	3687	2.61	6.34
	IRMÃO+NOVO	62	169	2575	2.92	5.88
	IRMÃ+NOVA	60	142	2062	2.36	5.40
	IRMÃO+NOVO	55	142	2176	2.58	5.78
	AMIGAS	80	269	4907	2.11	7.11
	AMIGOS	81	278	5126	3.43	7.16

TABELA 32

Número, soma das médias, soma dos quadrados, média e desvio padrão - grau de interesse em esportes - agentes

FASE	AGENTE	N	$\sum x$	$\sum x^2$	\bar{x}	s
Atualmente	PAI	101	333	5859	3.29	6.89
	MÃE	103	329	5533	3.19	6.62
	IRMÃ+VELHA	77	237	3939	3.07	6.49
	IRMÃ+NOVA	60	198	3600	3.30	7.06
	IRMÃO+VELHO	59	194	3410	3.28	6.91
	IRMÃO+NOVO	66	217	3709	3.28	6.78
	AMIGOS	111	460	9646	4.14	8.38
	AMIGAS	110	461	9623	4.19	8.40
	PROFESSORES	100	445	10093	4.45	9.05
	OUT.PROFES.	74	241	3895	4.25	6.52
	OUT.PESSOAS	66	231	3879	3.50	6.98
Adolescência	PAI	97	320	5624	3.29	6.89
	MÃE	96	308	5174	3.20	6.63
	IRMÃ+VELHA	75	239	4217	3.18	6.83
	IRMÃ+NOVA	58	173	2933	2.98	6.51
	IRMÃO+VELHO	59	194	3482	3.28	7.00
	IRMÃO+NOVO	62	188	3176	3.03	6.53
	AMIGOS	101	396	8308	3.92	8.21
	AMIGAS	106	410	7724	3.86	7.64
	PROFESSORES	95	389	8123	4.09	8.33
	OUT.PROFES.	66	200	2918	3.03	5.96
	OUT.PESSOAS	60	199	3169	2.48	6.52
Infância	PAI	83	233	3863	2.80	6.25
	MÃE	82	217	3187	2.64	5.67
	IRMÃ+VELHA	67	169	2149	2.52	5.10
	IRMÃ+NOVA	51	110	1326	2.15	4.66
	IRMÃO+VELHO	54	155	2591	2.89	6.36
	IRMÃO+NOVO	53	146	2228	2.18	5.92
	AMIGOS	75	229	3817	3.05	6.49
	AMIGAS	78	225	3471	2.88	6.05
	PROFESSORES	76	260	5048	2.10	7.44
	OUT.PROFES.	54	121	1333	2.24	4.47
	OUT.PESSOAS	42	91	933	2.16	4.24

TABELA 333

Número, soma das médias, soma dos quadrados, média e desvio padrão - grau de encorajamento pelos agentes

FASE	AGENTE	N	ΣX	ΣX^2	\bar{X}	S
Atualmente	PAI	107	273	2841	2.55	4.49
	MÃE	106	281	3029	2.65	4.66
	IRMÃ+VELHA	79	206	2180	4.27	4.58
	IRMÃ+NOVA	59	142	1486	2.40	4.44
	IRMÃO+VELHO	61	139	1279	2.27	3.28
	IRMÃO+NOVO	70	149	1367	2.12	3.90
	AMIGOS	106	333	4095	3.14	5.38
	AMIGAS	100	323	4253	3.23	5.69
	PROFESSORES	109	393	5577	3.60	6.20
	OUT.PROFES.	91	218	2096	2.39	4.18
	OUT.PESSOAS	56	156	1824	2.78	5.02
Adolescência	PAI	102	208	1714	2.03	3.57
	MÃE	101	207	1701	2.04	3.57
	IRMÃ+VELHA	74	169	2463	2.28	5.33
	IRMÃ+NOVA	56	102	762	1.82	3.23
	IRMÃO+VELHO	58	120	1044	2.06	3.73
	IRMÃO+NOVO	67	124	988	1.85	3.39
	AMIGOS	100	232	2176	2.32	4.06
	AMIGAS	102	243	2403	2.38	4.24
	PROFESSORES	101	255	2829	2.52	4.67
	OUT.PROFES.	86	169	1237	1.96	3.26
	OUT.PESSOAS	55	114	1014	2.07	4.13
Infância	PAI	108	279	2937	1.65	4.55
	MÃE	104	266	2828	2.55	4.56
	IRMÃ+VELHA	78	202	2152	2.58	4.59
	IRMÃ+NOVA	60	128	1220	2.13	4.26
	IRMÃO+NOVO	60	145	1465	2.41	4.34
	IRMÃO+VELHO	70	154	1420	2.20	3.95
	AMIGOS	107	319	3751	2.98	5.13
	AMIGAS	105	317	3731	3.01	5.16
	PROFESSORES	108	374	5072	3.46	5.94
	OUT.PROFES.	93	233	2441	2.50	4.49
	OUT.PESSOAS	61	156	1728	2.55	4.70

TABELA 34

Número, soma das médias, soma dos quadrados, média e desvio padrão - grau de desencorajamento pelos agentes

FASE	AGENTE	N	ΣX	ΣX^2	\bar{X}	S
Atualmente	PAI	90	130	640	1.44	2.25
	MÃE	89	134	686	1.50	2.34
	IRMÃ+VELHA	65	79	289	1.21	1.73
	IRMÃ+NOVA	52	59	155	1.13	1.31
	IRMÃO+VELHO	51	60	168	1.17	1.39
	IRMÃO+NOVO	56	59	77	1.05	1.51
	AMIGA	87	106	352	1.21	1.60
	AMIGOS	86	101	311	1.17	1.50
	PROFESSORES	88	96	228	1.09	1.19
	OUT. PROFES.	81	102	390	1.25	1.80
	OUT. PESSOAS	52	71	227	1.36	1.59
Adolescência	PAI	90	121	529	1.34	2.02
	MÃE	90	127	1994	1.41	4.51
	IRMÃ+VELHA	66	75	1289	1.13	4.30
	IRMÃ+NOVA	51	57	1222	1.11	4.94
	IRMÃO+VELHO	51	54	1130	1.05	4.63
	IRMÃO+NOVO	52	54	1104	1.03	4.53
	AMIGAS	95	114	1548	1.20	3.87
	AMIGOS	84	99	1445	1.17	4.00
	PROFESSORES	89	101	1385	1.13	3.79
	OUT. PROFES.	83	101	1563	1.21	4.19
	OUT. PESSOAS	53	68	1519	1.28	5.24
Infância	PAI	85	93	1346	1.09	3.84
	MÃE	87	116	1839	1.33	4.42
	IRMÃ+VELHA	62	67	1177	1.08	4.25
	IRMÃ+NOVA	48	51	1145	1.06	4.81
	IRMÃO+VELHO	49	49	1049	1.00	4.56
	IRMÃO+NOVO	53	53	1053	1.00	4.37
	AMIGAS	81	85	1200	1.04	3.72
	AMIGOS	81	85	1200	1.04	3.72
	PROFESSORES	86	93	1240	1.08	3.66
	OUT. PROFES.	79	95	1463	1.20	4.15
	OUT. PESSOAS	50	60	1374	1.20	5.10